

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Museologia, Conservação e Restauro
Bacharelado em Museologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da
exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também

Maria Waleska Siga Peil Martins

Pelotas, 2021.

Maria Waleska Siga Peil Martins

Política, Memória e Representação LGBT em espaços expositivos: estudo da
exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Bacharelado em Museologia da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Museologia.

Orientador: Dr. Roberto Heiden

Pelotas, 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M379p Martins, Maria Waleska Siga Peil

Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos : estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também / Maria Waleska Siga Peil Martins ; Roberto Heiden, orientador. — Pelotas, 2021.

79 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Memória LGBT. 2. Museologia social. 3. Exposição LGBT. I. Heiden, Roberto, orient. II. Título.

CDD : 069

Maria Waleska Siga Peil Martins

Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 17 de junho de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Roberto Heiden (Orientador). Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof. Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano. Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Pelotas e ao Curso de Bacharelado em Museologia.

Ao professor Roberto Heiden, pela orientação, incentivo e apoio ao longo da elaboração desta monografia.

Ao fundador do grupo Nuances, Célio Golin, pela conversa e disponibilidade. Viva o Nuances!

À professora Marlise Giovanaz, pela conversa e pelo tempo disponibilizado.

Ao fundador do grupo Também, Marcos Fernandes. Parabéns pelo trabalho que realiza com a comunidade LGBT em Pelotas!

À professora Sarah Maggitti, pela conversa, disponibilidade e apoio à questão de gênero na Museologia.

À professora Noris Mara Leal, pelo incentivo e ajuda ao longo da graduação.

À comunidade LGBTQIA+: sigamos resistindo!

Resumo

MARTINS, Maria Waleska Siga Peil. **Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos**: estudo de caso da exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também. 2021. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

O presente trabalho aborda a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, ocorrida na cidade de Pelotas (RS) em 2019, e tem como objetivo geral investigar as relações entre os processos de construção de uma memória LGBT, a Museologia Social e o poder público enquanto difusores do direito à memória e das manifestações sociais, a partir deste acontecimento. O trabalho investigou de que forma a exposição em análise se apropriou de um espaço expográfico público - a sala de exposição da Prefeitura Municipal de Pelotas - para presentificar e promover uma reflexão acerca da memória LGBT, e quais são os impactos gerados a partir desse tipo de evento e ação para o movimento LGBT, para a Museologia e a sociedade em geral. Logo, a exposição celebrou os 50 anos de Stonewall, trouxe visibilidade às ações dos grupos Nuances e Também, além de apresentar novos sujeitos na cena LGBT de Pelotas e permitir o diálogo entre a comunidade LGBT e a sociedade, promovendo maior visibilidade à memória da população LGBT e empatia perante à questão de gênero.

Palavras-chaves: Memória LGBT; Museologia Social; Exposição LGBT.

Abstract

MARTINS, Maria Waleska Siga Peil. **Politics, memory and LGBT representation in exhibition spaces**: a case study on the exhibition 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também. 2021. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

The present work introduces the exhibition 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também, which took place in Pelotas (RS) in 2019, and aims to investigate the relations among the processes of LGBT memory construction, Social Museology and the public power, considering them diffusers of the right to memory and social manifestation from this event. The work investigated in which way the exhibition took appropriation of the public exhibition space – the City Hall exhibition room – to present and promote a reflection about the LGBT memory, and what are the impacts produced from this type of event and action for the LGBT movement, the Museology field and society in general. Therefore, the exhibition celebrated the Stonewall 50th anniversary, brought visibility to the actions of groups such as Nuances and Também, in addition to present new subjects to Pelotas LGBT scene and allow the dialogue between the LGBT community and society, promoting larger visibility to the LGBT people memory and empathy in the presence of gender matters.

Keywords: LGBT Memory; Social Museology; LGBT Exhibition.

Lista de Figuras

Figura 1: Texto de apresentação do Grupo Nuances na exposição 50 anos de ação.....	31
Figura 2: Exposição 50 anos de ação no Paço Municipal de Pelotas.....	33
Figura 3: A Dj Helô na exposição 50 anos de ação.....	52
Figura 4: Placa Esquina Travesti Juliana Martinelli na exposição 50 anos de ação	54
Figura 5: Réplicas do Jornal Lampião na Exposição 50 anos de ação.....	56
Figura 6: Kit Gay na exposição 50 anos de ação.....	57
Figura 7: Exemplo de resposta à construção do Kit Gay pelo público da exposição.....	59
Figura 8: Abertura da exposição 50 anos de ação em Pelotas.....	64

Sumário

Introdução	10
Capítulo I: Memória e Representação LGBT	17
1.1. Os eventos de Stonewall.....	17
1.2. O movimento LGBT no Brasil e suas origens históricas	21
1.3. O grupo Nuances e a exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também.....	31
Capítulo II: Memória e Museologia social	36
2.1. Memória e contemporaneidade.....	36
2.2. A Museologia Social.....	39
2.3. A construção de uma Museologia LGBT	42
Capítulo III: Dos Objetos aos Discursos e Narrativas: Análise da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também	47
3.1. Protagonismo LGBT e os novos atores sociais em cena.....	47
3.2. Preservar para lembrar: a exposição como geradora de novas reflexões	61
Considerações finais	68
Referências bibliográficas	72
Apêndices	77

Introdução

A vontade de memória está no centro do desejo contemporâneo de estar presente e de ser visto. A memória, assim como sua ausência, é responsável pela coerência ou desfazimento dos diferentes eus que são engendrados em torno da construção identitária do indivíduo.

A temática LGBT¹, sendo essa sigla sinônimo de um grupo que abarca uma cultura dissidente e múltipla, com conjugalidades diversas dentro da própria comunidade (COLLING, 2011), pode cumprir o papel de evocar memórias e tem como um de seus marcos históricos, no que diz respeito à questão de luta e reivindicação pelos direitos individuais e coletivos, Stonewall, o famoso bar de Nova Iorque (Estados Unidos), local do conflito entre seus frequentadores e a polícia em junho de 1969. As imagens de confronto e de resistência surgidas desse acontecimento tornaram-se elementos fundantes das bases do movimento de direitos humanos que abarca lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Essas imagens e uma parte importante de suas consequências e desdobramentos estiveram no centro da exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também realizada na cidade de Pelotas em novembro de 2019, na sala Frederico Trebbi, hall de entrada do Paço Municipal.

Pensar a construção e a representação da memória LGBT é algo que se consolida como possibilidade a partir de um percurso institucional, mesmo que incompleto, vivido pelo Brasil no sentido de ampliação de direitos fundamentais a essa população. No entanto, se por um lado uma certa fragilidade institucional é a realidade garantida pelo Estado brasileiro para com os direitos dos LGBTs, por outro, essa realidade pode motivar o campo museológico no sentido de que o mesmo tome para si, dentre outros importantes temas contemporâneos e considerando o pensamento de Sofka (2016), a tomada de responsabilidade quanto a visibilização de uma memória que muitas vezes tende a ser renegada.

¹O termo LGBT será utilizado no trabalho como sigla oficial para designar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, conforme o texto-base da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/old/cncd-lgbt/conferencias/texto-base-2a-conferencia-nacional-lgbt>>. Acesso em 9 de outubro de 2020.

A memória do movimento LGBT² é um dos temas contemporâneos que progressivamente tem sido recuperado pela história. Essa temática tem reverberado também em diferentes campos de conhecimento e ação acadêmica e cultural. É nessa perspectiva que a pesquisa e a análise de uma exposição, cujo o tema versa acerca da memória LGBT atrelada à materialidade dos elementos expográficos, da especificidade do local escolhido (um espaço do poder público) e dos discursos dos organizadores, assim como de suas relações com os sujeitos envolvidos nesse processo, se mostra importante devido à própria possibilidade de construção de uma nova memória marcada pela diferença, que procura divulgar novas demandas sociais nascidas a partir de novos sujeitos históricos. É a vontade de memória, a partir do desejo da comunidade LGBT, que se faz presente na exposição e que impulsiona sua criação.

A cidade de Pelotas tem se mostrado atuante no que diz respeito às questões pertinentes à causa LGBT, sancionando algumas decisões advindas do poder público, mas que também emanam da população, como o decreto 6.129 que regulamentou a criação do Conselho Municipal de Direitos da Cidadania LGBT em Pelotas no ano de 2015, e cujo projeto foi proposto por Ricardo Santos, primeiro vereador assumidamente gay de Pelotas. Além disso, a cidade também conta com o decreto 6.127 que nomeou a esquina das ruas Barão de Santa Tecla e Doutor Cassiano como Travesti Juliana Martinelli, dentre outras ações do poder público, como a realização da Semana da Diversidade que ocorre anualmente no mês de novembro e se encerra com a Parada da Diversidade no Mercado Central.

Pensando a partir desses exemplos de iniciativas do município no que tange ao tema dos direitos LGBT e da presença de ações e eventos que divulguem a causa, este trabalho propôs o estudo da exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também, e suas relações com ações para a construção dessa memória LGBT, a Museologia e suas dimensões políticas. A referida exposição, além de ter sido recebida pela Prefeitura de Pelotas, foi organizada pelos grupos “Nuances” de Porto Alegre e “Também” Pelotas, e contou com a colaboração do Núcleo de Gênero e Diversidade da UFPEL (NUGEN) e dos cursos de bacharelado em Museologia da

² Embora em 2017, no último congresso da ABGLT, em BH, a sigla tenha sofrido alteração, sendo adotado o uso da sigla LGBTI, cabe aqui justificarmos o uso da sigla LGBT nesse trabalho com base em Baptista e Boita (2017), sendo “a sigla utilizada desde 2009 pelo Estado brasileiro para a efetivação de políticas públicas, tais como o Plano Nacional de Promoção de Cidadania e Direitos Humanos de LGBT” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 110).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

É inserindo-se nesse contexto que este trabalho de conclusão de curso propôs a análise de uma exposição sobre essa temática. Acredita-se que esse estudo ajudará a identificar algumas das tensões presentes não somente na memória histórica dessa comunidade bem como os desafios encontrados no processo de visibilidade de suas memórias, contribuindo com a área da Museologia na medida em que acrescenta novas vozes às narrativas existentes, além de possibilitar o diálogo entre a comunidade LGBT e os locais de memória em potencial, como no caso da sala de exposição Frederico Trebbi.

Essa pesquisa também se origina a partir de minha trajetória pessoal, já que me incluo entre a população LGBT e, sendo assim, espero contribuir para que futuras ações de memória possam ser sonhadas e colocadas em prática, não somente enquanto futura museóloga, mas também enquanto indivíduo que vive essa realidade, muitas vezes de invisibilidade, e almeja ser visto e respeitado em todos os lugares.

Cabe destacarmos que a sala Frederico Trebbi foi criada no ano de 1991 com o intuito de “dar nomes de artistas de importância significativa ao desenvolvimento das Artes Visuais em Pelotas e no Rio Grande do Sul” (SOUZA; BOHNS, 2011, p.3). Desde então, este espaço tem sido local de diversas exposições, em sua maioria de caráter artístico e científico, embora também tenha se tornado local para ações culturais com várias possibilidades, onde se identifica uma dimensão para além da memória científica, cultural e das artes.

É a partir do ano de 2019 que se observa uma abertura temática quanto as exposições apresentadas por esse espaço, no sentido de que o mesmo começa a se abrir para atividades que exploram temas com viés mais marcadamente no campo político e social, já que a Sala Frederico Trebbi recebeu então as exposições 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também e Museu da Destruição Nacional, sendo a segunda uma exposição curricular do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPEL que propunha uma reflexão política acerca do desmonte e da precarização das políticas e instituições culturais no país.

Essas temáticas trouxeram um aspecto novo à sala Frederico Trebbi, pois perpassam questões como a memória e identidade, atravessando o campo museológico, bem como articulando questões atuais e a partir de ações advindas de atores sociais engajados em diferentes esferas políticas e sociais. Do mesmo modo,

o campo museológico também permite trabalhar com questões sociais e políticas, visto que a museologia pode atuar como uma área que instigue questionamentos acerca das realidades vigentes, propondo um fazer mais integrado e participativo, pois “o exercício da cidadania só ocorre quando o indivíduo conhece a realidade na qual ele está inserido, a memória preservada, os acontecimentos atuais, entendendo as transformações e buscando um novo fazer” (PRIMO, 1999, p. 31).

O presente trabalho, ao voltar-se à construção de narrativas em torno da temática LGBT em espaços de memória e tendo como objeto de estudo a exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também, considera a necessidade e a importância da presença de outras vozes em espaços culturais e de poder. No que pese a referida exposição não ter sido apresentada em um museu, na mesma foram utilizados discursos e estratégias que contribuem para a reflexão sobre as relações entre o campo museológico e a temática LGBT, além do fato de o evento ter envolvido diversos atores diretamente envolvidos com o campo da museologia propriamente dito.

Sendo assim, a questão central deste trabalho emerge das relações entre a memória LGBT, a exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também e suas dimensões políticas, referentes à exposição e ao movimento ou memória LGBT. Ao delimitar o problema, buscou-se compreender de que forma a exposição se apropria de um espaço expográfico público do Estado - a sala de exposição da Prefeitura Municipal de Pelotas - para efetivar uma reflexão acerca da memória LGBT, e quais são os impactos gerados a partir desse tipo de evento e ação para o movimento LGBT, para a Museologia e a sociedade em geral.

Nossa hipótese surge a partir da ideia de que a exposição se apropria do espaço público do Estado na forma de celebração para evidenciar questões mais profundas acerca da temática LGBT e propor demandas sociais ao poder público. A exposição utiliza-se de um espaço do Estado para celebrar o marco histórico representado pelos 50 anos de Stonewall, ao mesmo tempo que contesta a atual situação política do país, cujos direitos da população LGBT não estão plenamente garantidos. Dessa forma, a exposição efetiva não somente uma ativação da memória sobre os feitos do grupo, como uma reflexão acerca do futuro das questões LGBT nas diferentes esferas políticas, sociais e culturais.

Como objetivo geral da pesquisa, buscou-se também investigar as relações entre os processos de construção de uma memória LGBT, a Museologia Social e o

poder público enquanto difusores do direito à memória e das manifestações sociais, a partir do exemplo da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, tendo os seguintes objetivos específicos:

- Recuperar aspectos históricos acerca da memória LGBT em diferentes espaços de memória;
- Analisar a presença de iniciativas referentes à construção da memória LGBT na cidade de Pelotas;
- Averiguar de que forma as narrativas acerca da memória LGBT são amparadas por dimensões políticas no espaço expográfico da Prefeitura de Pelotas;
- Compreender como se dá o diálogo entre a comunidade LGBT, representada pelos grupos Nuances e Também Pelotas, e a Prefeitura de Pelotas, considerando as posições sociais e políticas dos agentes participantes;
- Verificar se a exposição gerou novas reflexões frente à questão da construção da memória LGBT para os grupos Nuances e Também Pelotas.

O trabalho de pesquisa se desenvolve na perspectiva de um estudo de caso (GIL, 2002). Como ferramenta metodológica foi realizada pesquisa bibliográfica relativa a conceitos inerentes aos temas pesquisados, ou seja: museologia social, a questão da memória, movimento LGBT e atos em torno do histórico bar Stonewall, e seus desdobramentos atuais na construção de ações para a memória LGBT. No que diz respeito aos aspectos relativos aos estudos museológicos, utilizam-se autores da Museologia Social para problematizar as relações entre os museus, a memória e os movimentos sociais.

O estudo de campo deu-se com a realização de entrevistas semiestruturadas com os organizadores da exposição considerando-se suas experiências e observações na elaboração das narrativas apresentadas frente à construção de uma memória LGBT, bem como a organização da exposição, a construção das narrativas e dos eixos temáticos, assim como as dificuldades e situações encontradas durante sua concepção e montagem. Os relatos e discursos coletados durante a pesquisa, serviram de base para a compreensão de como os organizadores e partícipes dessa comunidade dissidente entendem seu papel na construção de novos discursos acerca da memória LGBT, e de que forma as dimensões políticas, presentes no espaço expográfico, permeiam ou não a articulação dessas narrativas.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar os eventos de

Stonewall, considerando seu caráter histórico e seus desdobramentos no movimento LGBT brasileiro, bem como avaliar a condição atual do movimento, levando em conta a presente situação política do país e as repercussões do atual momento na exposição investigada. Para este capítulo utilizaremos autores como David Carter (2004), John D'Emilio (1983), Armstrong e Cragg (2006) para embasamento teórico acerca dos fatores históricos, culturais e sociais que antecederam os acontecimentos de Stonewall, e os autores Edward Macrae (2018), João Silvério Trevisan (2018) e James Green (2018) para discutir o surgimento do movimento LGBT brasileiro, a partir da redemocratização do país no período pós-ditadura militar e suas aproximações com os movimentos políticos, bem como suas divergências em relação ao movimento americano.

No segundo capítulo objetivou-se compreender a existência de uma memória e Museologia LGBT. Com o propósito de definir o conceito de Memória utiliza-se Candau (2012), Halbwachs (2006) e Ricoeur (2014), assim como Agamben (2009) para compreendê-la no âmbito da contemporaneidade. Ao tratarmos da museologia LGBT, considera-se a Museologia Social enquanto corrente teórica que pensa novos atores sociais, e que possibilita movimentos de resistência, tensão e poder no campo das relações sociais, culturais e políticas. Para o desenvolvimento dessa questão, são utilizados autores como Mário Chagas (2011), que trabalha com a Museologia Social e a aproximação entre os movimentos sociais e a área museológica, Judite Primo (1999) e o conceito de museu integral e participativo, Marília Xavier Cury (2006) no que tange à linguagem museológica de uma exposição, além da abordagem do projeto Memória LGBT, que consiste em um mapeamento, em andamento, das iniciativas acerca dessas memórias, feito pelos pesquisadores Jean Baptista e Tony Boita (2017) e que já identifica certo comprometimento por parte de algumas instituições museológicas no que diz respeito à divulgação da memória LGBT.

No terceiro e último capítulo, apresenta-se a análise da exposição, a partir do processo de entrevistas com os sujeitos partícipes. Ao utilizarmos autores do campo museológico como Cury (2006) e Barbuy (2010), para a análise da exposição, objetiva-se compreender de que forma o percurso expográfico é pensado e elaborado pelos próprios agentes do movimento LGBT em conjunto com outros segmentos, como o universitário e o político, partindo de uma perspectiva coletiva e comunitária da Museologia Social. Com isso, pretende-se analisar as diferentes etapas de processo e percurso da exposição, cujo objetivo é apresentar a trajetória dos grupos

“Nuances” e “Também”, à medida que refaz o percurso histórico a partir de Stonewall até os dias atuais, de resistência política e luta social, ao mesmo tempo em que dialoga com os sujeitos contemporâneos pertencentes e não pertencentes ao movimento LGBT.

Capítulo I: Memória e Representação LGBT

O presente capítulo está dividido em três subcapítulos. O texto parte do episódio de Stonewall enquanto marco emblemático na construção de um novo panorama envolvendo a temática LGBT, e o contexto que permeou esses acontecimentos. Aborda também os eventos que aconteceram anteriormente e posteriormente à batalha no Stonewall Inn. O subcapítulo 1.2 apresenta a cena brasileira e como se deu a repercussão dos acontecimentos de Stonewall, embora o contexto nacional tenha se constituído a partir de características específicas e condizentes com o cenário político e local da época, e que o diferenciam do movimento americano, organizando-se assim as bases para o movimento LGBT atual. Por fim, como consequência do estopim de Stonewall e a partir da evolução dos movimentos e políticas LGBT no Brasil, apresenta-se no subcapítulo 1.3 o grupo Nuances e a exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também, objeto de pesquisa desse estudo, e exposição que reflete sobre os diferentes períodos históricos do movimento LGBT em paralelo com a trajetória do próprio grupo Nuances desde a década de 90 até os dias atuais.

1.1. Os eventos de Stonewall

A história por detrás dos acontecimentos de Stonewall é, sem dúvida, complexa e ampla, espelhada por uma série de antecedentes que culminaram naquela fatídica madrugada de 28 de junho de 1969. Entretanto, para que se compreenda como de fato esse marco histórico ocorreu, é preciso estabelecer uma linha temporal que situa as conjecturas política e social daquela época nos Estados Unidos.

A década de 1960 foi responsável pela produção de diferentes frentes e movimentos sociais que combatiam as mais diversas causas, como a negra, feminista e LGBT³. As reivindicações pelo fim da guerra do Vietnã, o movimento de contracultura hippie e as novas teorias sociais oriundas do contexto universitário, são acontecimentos que contribuíram para que a revolta de Stonewall pudesse acontecer, pois vozes marginalizadas uniram-se e passaram a reivindicar por espaços e

³ A sigla, ainda que contemporânea, será usada para apontar o conjunto da diversidade e dissidência sexual presente naquele contexto.

mudanças, não mais aceitando a discriminação racial ou de gênero e construindo uma realidade que também vinha sendo modificada a partir de novos discursos de igualdade, a exemplos de personagens históricos como Martin Luther King e do novo presidente eleito à época, John Fitzgerald Kennedy. Eram tempos de mudança, cujos acontecimentos futuros viriam a refletir os resultados de quase uma década de luta, tragédia e avanços para a humanidade.

Desse modo, fica conhecido como Stonewall o episódio ocorrido no bar Stonewall Inn, em Nova Iorque, em 28 de junho de 1969, e ponto de virada crítico às mudanças que já vinham ocorrendo durante a década:

Essa luta de seis dias entre a população gay e a polícia pelo controle de um gueto gay constitui um importante evento na história americana e mundial, pois em última análise, levou à inclusão da orientação sexual como uma categoria protegida nos movimentos de direitos humanos e civis (CARTER, 2004, p. 267, tradução nossa⁴).

O evento marcou a rebelião de diferentes pessoas presentes no bar, e também pertencentes à comunidade LGBT, contra à repressão policial que há anos ameaçava o direito de ser e estar dos homossexuais⁵. De acordo com MacRae (2011), a batalha teve como seu principal adversário a polícia americana, que fiscalizava o local e era responsável pela opressão aos gays, travestis e prostitutas⁶ da região. O autor também discorre acerca do contexto social e político da época, visto que após o final da década de 1960 havia um momento de liberdade e questionamento contrário à opressão vivida, permitindo a manifestação de grupos e agendas que não estavam presentes anteriormente.

É justamente pelo episódio de Stonewall ser considerado emblemático na construção de um novo panorama envolvendo a temática LGBT, que se faz necessário compreender não somente o contexto que permeava os acontecimentos em torno da população LGBT, bem como os eventos que aconteceram anteriormente e posteriormente à batalha no Stonewall Inn. De acordo com John D'Emilio (1983), ao

⁴ Conforme a citação original: "This six-day struggle by gay people with the police for control of a gay ghetto constitutes an important event in American and world History, for it ultimately led to the inclusion of sexual orientation as a protected category in the civil and human rights movements" (CARTER, 2004, p. 267).

⁵ David Carter (2004, p. 260) pondera acerca de uma versão pouco explorada de que a rebelião teria ocorrido porque os frequentadores choravam a morte da atriz Judy Garland. Entretanto, de acordo com o autor, essa versão é apenas apontada como uma coincidência entre a data de sua morte e a da rebelião de Stonewall.

⁶ Conforme termo utilizado por MacRae (2011).

olhar os acontecimentos de forma cronológica, observa-se “o pioneirismo dos homossexuais da década de 40, no que diz respeito à decisão de agirem de acordo com seus desejos, formando as bases de um subcultura urbana de gays e lésbicas” (DEMILIO, 1983, p. 107, “tradução nossa”)⁷. Ainda de acordo com D’Emilio, foi a opressão enfrentada anteriormente por esse grupo que permitiu a existência de um movimento, assim como a necessidade de lugares de encontro para que essa socialização pudesse ocorrer. Outrossim, o autor marca o evento da Segunda Guerra Mundial como uma virada na história gay, já que os deslocamentos causados pela guerra providenciavam o anonimato para homens e mulheres, cujos desejos homoafetivos não estavam de acordo com os daqueles impostos pela sociedade da época.

Essa cronologia dos eventos permite observar que a revolta de Stonewall foi o ápice das tensões que já estavam em andamento há algum tempo na sociedade americana, inclusive em outras cidades além de Nova York, pois cresciam demandas acerca do direito de ir e vir dessa comunidade divergente e diversa, que almejava frequentar espaços, como bares, sem serem perturbados pela polícia local. Entretanto, para Armstrong e Crage (2006), o fato das condições para a revolta terem aparecido em Nova York, no ano de 1969, em oposição às outras cidades, em anos anteriores, “pode ser visto como o resultado de processos históricos e políticos: tempo e lugar foram importantes” (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 725, tradução nossa)⁸. Ainda segundo as autoras, a cidade de Nova York já era considerada referência acerca da liberação gay e adotava uma atitude mais radical em comparação aos outros movimentos existentes, fato que ajudou a pavimentar os acontecimentos posteriores no Stonewall Inn. O bar “servia álcool sem permissão legal, não havia água corrente, seus donos e funcionários estavam geralmente sob o uso de drogas e possuía envolvimento com a máfia” (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 737, tradução nossa)⁹, o que evidencia o clima de ilegalidade e o tipo de público que o frequentava, visto que em sua maioria eram pessoas exiladas de outros ambientes.

⁷ Conforme a citação original: “The gay men and women of the 1940s were pioneers. Their decisions to act on their desires formed the underpinnings of an urban subculture of gay men and lesbians” (D’EMILIO, 1983, p. 107).

⁸ Conforme a citação original: “That these conditions came together in New York in 1969, as opposed to in other cities at earlier times, was a result of historical and political processes: time and place mattered” (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 725).

⁹ Conforme a citação original: “It served alcohol without a liquor license, it had no running water, its patrons and workers were often on drugs, and it had mafia ties” (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 737).

As atividades ilegais que ocorriam no Stonewall Inn eram de fato combatidas pela polícia uma vez por mês, porém em 28 de junho de 1969 algo havia mudado, e aqueles que foram expulsos durante a batida policial, juntaram-se aos que passavam ou assistiam do lado de fora. A localização do bar também foi decisiva para a deflagração dos acontecimentos, já que estava no “coração de Greenwich Village, bairro densamente populoso, com uma vizinhança de pedestres, no coração da vida gay da cidade” (ARMSTRONG, CRAGE, 2006, 737, tradução nossa)¹⁰. Dessa forma, mediante os fatos citados, como o contexto histórico, o público que frequentava o bar, sua localização e a existência de um movimento radical de liberação gay, percebe-se uma conjuntura de situações que permitiu a revolta de Stonewall na cidade de Nova York, naquele momento histórico específico. De fato, outras pesquisas corroboram a diversidade de fatores que contribuíram para Stonewall, como o timing, a história social, as mudanças culturais, a geografia do lugar, assim como os eventos políticos. Até o aspecto climático teria influenciado, pois a noite quente favoreceu a permanência e aderência do público ao movimento que ali se instalava. O horário da entrada da polícia por volta de 1 hora da madrugada também contribuiu, pois era o momento de maior movimentação na entrada do bar (CARTER, 2004).

A própria cena gay da cidade de Nova York e o movimento ativista colaboraram para o caráter radical da batalha, pois muitos ativistas presenciariam o evento em tempo real, bem como participaram das movimentações, seja mediante a distribuição de panfletos ou compartilhando suas táticas de brigas. O ativista Craig Rodwell estava retornando para casa quando, de acordo com seu relato, “viu uma multidão reunida na frente do Stonewall Inn e ficou porque sentiu que algo estava para acontecer, proclamando depois que aquela era a faísca que esperávamos há anos” (CARTER, 2004, p. 146, tradução nossa)¹¹. O grupo *Gay Liberation Front*, fundado nos Estados Unidos, é também um exemplo dessa manifestação, que surgia após grande período de opressão e invisibilidade para aqueles que não pertenciam à hegemonia heteronormativa vigente, e que ajudou na revolta. Seu mote era questionador e radical, reverberando palavras de ordem como “Poder Gay” enquanto enfrentavam a polícia no bar Stonewall Inn. A atuação do grupo foi profícua para o nascimento de

¹⁰ Conforme a citação original: “[...] in the heart of Greenwich Village, a densely populated, pedestrian-friendly neighborhood at the heart of the city's gay life” (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 737).

¹¹ Conforme a citação original: “Saw the crown gathered in front of the Stonewall Inn and stayed because of a feeling that something was about to happen. [...] I immediately knew That this was the spark we had been waiting for for years (CARTER, 2004, p. 146).

uma atitude de militância e ativismo, pois “poucos meses depois o *Gay Liberation Group*, já mais estruturado, lançaria seu próprio jornal, chamado *Come Out*, e consagraria o dia 28 de junho como o Dia de Orgulho Gay” (MACRAE, 2011, p. 27).

Dessa forma, é a partir dos acontecimentos de Stonewall que se percebe a ascendência da militância dos direitos dos homossexuais e a necessidade de organização do movimento gay, já que após a revolta houve o reconhecimento da existência de uma oposição combatente que saiu vitoriosa frente à polícia e “finalmente moveu o movimento dos direitos gays para as ruas com outros movimentos de massa (RIVERA, 1984, p. 397, tradução nossa)¹². O evento de Stonewall ainda serviria de exemplo para outras regiões dos Estados Unidos e da Europa, e alcançaria outros feitos na próxima década, como o aumento do número de grupos gays e a remoção da homossexualidade da lista de doenças mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, no ano de 1973 (RIVERA, 1984).

O surgimento posterior da sigla LGBT, utilizado para designar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, e de acordo com o texto-base da II Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBT (2018), já representa outra preocupação da comunidade no que diz respeito à aquisição de direitos sociais, bem como um posicionamento político de seus ideais. Após anos de luta por reconhecimento, é possível observar o caráter inclusivo do movimento acerca daqueles que buscam representação, como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, bem como o reconhecimento de outros grupos como Queers, intersexuais, assexuais e outros.

1.2. O movimento LGBT no Brasil e suas origens históricas

As origens do movimento LGBT brasileiro diferem em diferentes aspectos do movimento estadunidense, que ganhou força após o evento de Stonewall, bem como de outros grupos e ações que vieram anteriormente. Esta constatação, entretanto, não invalida as repercussões e consequências de Stonewall no cenário nacional, mas torna necessária a análise das peculiaridades presentes na construção de algo particular ao momento de repressão vivido no Brasil daquela época. É importante ressaltar que não houve e nem há legislação homofóbica no Brasil (FRY, 1989), ou seja, leis que proibam alguém de ser ou praticar atos homossexuais, o que já difere

¹² Conforme a citação original: “The events of June 27, 1969, finally moved the gay rights movement into the streets with other mass movemens” (RIVERA, 1984, p. 397).

dos Estados Unidos, por exemplo, país onde havia leis¹³ que foram reescritas com o objetivo de criminalizar o público gay enquadrando o sexo homossexual como crime e também proibindo que servissem bebidas alcoólicas aos homossexuais em bares:

Nos Estados Unidos havia leis draconianas – ainda há em alguns estados – contra a homossexualidade e, lá, o movimento homossexual teve que enfrentar uma oposição forte e violência. Haja visto o famoso Stonewall Riot, em 1969. Na ausência de um inimigo identificável e tangível, o movimento teve que “inventá-lo”, seja ele na Convergência Socialista e nos outros partidos de esquerda – os defensores de “luta maior” -, seja ele dentro do próprio movimento (FRY, 1989, p.11).

É justamente esse processo de invenção que torna o movimento LGBT nacional tão peculiar em relação ao movimento estadunidense, pois embora tenha iniciado a partir de um grupo de pessoas interessadas em identificar-se e encontrar seu lugar na sociedade, tanto nos contextos pessoal e cultural, é conforme seu desenvolvimento que o grupo passa também a sofrer com a interferência dos movimentos e partidos políticos brasileiros, o que trouxe consequências para sua formação e organização inicial, levando a sua ruptura. Cabe aqui esclarecer que a escolha dos autores, principalmente Edward MacRae (2018), como referência norteadora sobre a trajetória do movimento LGBT, a partir do grupo SOMOS, se deu pela própria caminhada do autor, que fez parte do grupo como pesquisador participante enquanto também escrevia sua pesquisa na área da Antropologia e pôde ver de perto o nascimento e evolução do grupo. Diante disso, e para além da impossibilidade de dar conta da história de todos os movimentos LGBT que provavelmente surgiram naquele momento ou posteriormente, estamos cientes de que este trabalho é um recorte temporal e espacial e que os autores também carregam subjetividades em seus discursos:

Lançar um olhar crítico ao passado, quando o historiador é um dos protagonistas dos eventos analisados, é um processo complicado e cheio de subjetividades. É possível manter uma distância apropriada das próprias ações do investigador que estava envolvido nos acontecimentos quando ele ou ela pretende estudar “objetivamente” um período distante repleto de conflitos? (GREEN, 2018, p. 63).

¹³ “No final dos anos 60, sexo homossexual era ilegal em todos os estados, menos Illinois” (CARTER, 2004, p.1).

Entretanto, cabe ainda acrescentar que a escolha dos autores e do grupo SOMOS para definir uma linha do tempo sobre o tema também pesou o fato não somente dos autores terem participado ativamente do grupo, como o de sua sede ser na cidade de São Paulo, palco de importantes ações e movimentações para o movimento LGBT que ali nascia.

É a partir da década de 60 que diferentes movimentos sociais eclodem nos Estados Unidos e, mesmo vivendo sob um regime de ditadura, o Brasil também inicia seu processo de contestação cultural como resposta à repressão vigente. De acordo com MacRae (2018), é diante da impossibilidade de uma liberdade política que se procura romper com as amarras culturais:

Perante uma impossibilidade de se organizar “politicamente”, uma nova geração de jovens passou a fazer “contestação cultural” buscando minar a “moral burguesa”, na direção do *sexo, drogas e rock’n roll*. A contestação de costumes, que explodiu nos EUA e em diversos países da Europa no final dos anos 1960, finalmente chegava de maneira importante ao Brasil. Durante a década de 1970, artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Hollanda, a trupe Dzi Croquettes, a banda Secos e Molhados e o cantor Ney Matogrosso, entre outros, fizeram apresentações que punham em questão os papéis de gênero vigentes e as ordens erigidas em seu torno. O termo androginia se popularizou mesmo entre setores mais conservadores (MACRAE, 2018, p. 25).

Portanto, é possível identificar em seu princípio fundante a diferença entre movimento americano e brasileiro, visto que mesmo diante da repressão política, os indivíduos presentes no cenário cultural buscavam arriscar-se em direção da libertação individual, fato que também atraiu um nome importante como o de Winston Leyland, editor da revista americana *Gay Sunshine* e que chegou ao Brasil em 1977 em busca de autores, “escritores e jornalistas brasileiros que escrevessem sobre a cena homossexual no Brasil” (MACRAE, 2018, p. 26). O episódio da visita de Leyland, a convite do pelotense João Antônio Mascarenhas e cujo evento foi explorado na exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também, causou grande repercussão e fomentou diferentes movimentos no cenário LGBT, como a criação do jornal *Lampião da Esquina* no ano de 1978 e a futura união de um grupo de pessoas que viria a ser o Grupo Somos de Afirmação Homossexual, na cidade de São Paulo,

considerada a São Francisco¹⁴ brasileira da época, uma alusão à cidade estadunidense conhecida pela atitude liberal e sua politização frente à causa LGBT.

O grupo Somos teve início como uma organização de militantes homossexuais, pessoas que exerciam diferentes atividades como forma de compartilhar anseios e questões referentes à causa homossexual, e que enfrentavam certa repressão e censura no que tange aos direitos individuais em um contexto de ditadura. Dentre as atividades propostas pelo grupo, citam-se as chamadas reuniões de identificação, onde, de acordo com MacRae (2018), eram relatadas as histórias e percalços de seus integrantes, o que demonstrava a diversidade do grupo, bem como a necessidade de construção de objetivos que fossem comuns aos interesses de seus participantes, e que era feito a partir desses encontros e de forma democrática. Para MacRae (2018), em virtude da diversidade presente no Somos, já era possível encontrar questões identitárias enquanto pauta obrigatória, pois termos como “bicha”, “viado”, “bofe”, “passivo”, “ativo”, “entendido”, “gay”, etc, eram discutidos, ainda que o único elemento em comum no grupo fosse a identificação com o termo “homossexual”. Tais termos seriam “esvaziados” de sentido no futuro, como forma de reapropriação identitária, originando assim novos debates na comunidade LGBT. Além disso, essas questões encontravam-se apenas na superfície até então, já que o Somos também era composto por lésbicas, embora uma minoria até então no grupo, e que também iniciavam a problematização de sua própria autodenominação. Havia ainda o distanciamento dos bissexuais e de outras definições que não a homossexual.

As questões apresentadas como as bases da construção do grupo Somos, embora hoje amplamente discutidas e parcialmente contempladas e resolvidas com a criação do termo LGBTQIA+¹⁵, são importantes para a compreensão do que viria a ser a causa LGBT no Brasil atual. Na medida em que se conhece as origens históricas do movimento, também se torna necessário refletir sobre a atuação não somente dos diferentes movimentos no país, como também questionar o cenário político vigente,

¹⁴ Cidade estadunidense do Estado da Califórnia, conhecida pela política liberal. Um dos personagens de destaque na comunidade LGBT de São Francisco foi o ativista Harvey Milk. Membro do Comitê de Supervisores da cidade, foi responsável por introduzir uma medida que proibia que gays fossem demitidos e também foi principal opositor da chamada “Proposition 6”, que proibia que gays atuassem como professores. Foi assassinado por Dan White, seu colega de trabalho, em 27 de novembro de 1978. Seu assassinato não foi considerado crime de ódio e nem vinculado à homofobia. Dan White foi sentenciado a 7 anos de prisão. Disponível em: <<https://milkfoundation.org/about/harvey-milk-biography/>>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

¹⁵ Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersex, agêneros, assexuados e mais.

referente às questões de direitos e reconhecimento das diferentes identidades sexuais. É conhecendo o passado que se pode compreender como de fato chegamos até aqui e, dessa forma, almejar novos rumos para a situação atual no tocante às políticas públicas e demandas por direitos emancipatórios.

A política e seu aspecto partidário permeavam o movimento LGBT nacional desde seus primórdios, a julgar que seu nascimento aconteceu em meio ao processo de ditadura militar no Brasil. Com isso, mesmo a partir de uma contracultura reacionária como pontapé inicial para o processo de mudança, foi também necessária a união aos movimentos de esquerda, que tomavam forma à medida que o país sofria uma abertura democrática, o que, de certa forma, contribuiu para a tensão crescente no grupo Somos. A explicação para a aproximação de uma frente de esquerda com o movimento homossexual da época era a possibilidade de unir forças entre indivíduos que almejavam a mudança, seja ela política, individual ou social (GREEN, 2018). Todavia, havia dois grupos dentro do Somos que se encontravam em oposição diante da fusão de diferentes causas; sendo de um lado um grupo de pessoas que queriam esse engajamento junto com setores de classe operária e agremiações de esquerda, enquanto de outro, pessoas que consideravam necessária somente a visibilidade única da pauta homossexual em si, e que também desconfiavam do lado esquerdista por acreditarem que esses fossem homofóbicos e apenas interessados no apoio que receberiam em troca (MACRAE, 2018).

A aproximação com determinado lado partidário foi tornando-se cada vez mais perceptível e atingindo seu ápice com a entrada da Fração Gay da Convergência Socialista no grupo Somos. De acordo com João Silvério Trevisan (2018), escritor de literatura ficcional, ensaísta e ativista na área de direitos humanos, bem como um dos editores-fundadores do jornal *Lampião da Esquina*, não havia motivos para impedir a entrada desse novo grupo, visto que a ordem democrática regia a visão do Somos. Contudo, ainda de acordo com Trevisan (2018, p. 139), “a tendência do grupo supostamente trotskista” serviu ao início da divisão do Somos. A representação da Fração era feita pelo americano James Green, já conhecido de Trevisan durante sua passagem pela cidade de Berkeley, no estado da Califórnia em 1975, e que junto de seu companheiro brasileiro começavam a discordar de determinadas vertentes políticas:

Através desse movimento sub-reptício, vimos a velha esquerda entrar em cena no nascente (e titubeante) ativismo homossexual brasileiro, trazendo vícios políticos do melhor stalinismo, que se mostrou vivíssimo num grupo trotskista supostamente crítico ao autoritarismo de Stalin. A partir daí foi-se preparando o golpe, num movimento que stalinistas (assumidos ou não) sabiam fazer bem: conspirar (TREVISAN, 2018, p. 140).

A consideração de Trevisan acerca do período expõe as forças políticas que levaram o movimento LGBT em diferentes direções, por vezes fugindo da pauta inicial de unir indivíduos que aspiravam a um futuro de liberdade individual e outros modos de vida, antes mesmo de partir para demandas em torno dos direitos constitucionais. No entanto, mesmo com todas as rachaduras dentro do Somos, foi possível que ocorresse o I Encontro Brasileiro de Homossexuais na cidade de São Paulo em abril de 1980, ato importante na trajetória do grupo, mas que também contou com momentos de embate com a invasão de pessoas aleatórias ao movimento LGBT e que eram simpatizantes a Convergência Socialista, o que se configurou como mais um golpe na visão do ativista Trevisan (2018).

Outro ato de revolta ainda aconteceria também no mês de junho do ano de 1980, com o protesto público contra o delegado José Wilson Richetti, conhecido por sua ação conjunta entre as polícias militar e civil de São Paulo e que objetivava uma operação de limpeza na cidade (MACRAE, 2018). Era crescente a criação de estabelecimentos voltado ao público gay, assim como a presença de pessoas homossexuais expressando suas afetividades e o aparecimento de travestis em locais de prostituição, o que chamou atenção de forças conservadoras da época:

Em pouco tempo, conseguiu-se dispersar os homossexuais da região. Estes deixaram de ser vistos nas ruas para se concentrarem nos estabelecimentos fechados, como boates, onde pareciam gozar de uma certa imunidade. Não era somente a militância homossexual que enfrentava mudanças, toda a política partidária paulista também passava por um período de grande efervescência. O PT estava em vias de se formar e os políticos opositores iam nesse momento de “abertura” a possibilidade de deixar suas marcas, talvez pensando na campanha eleitoral de 1982. A sociedade estava bastante mobilizada e havia uma proliferação de grupos e movimentos de todos os tipos (MACRAE, 2018, p. 288).

É necessário ressaltar que outros movimentos se encontravam em “período de entusiasmo e crescimento” (MACRAE, 2018, p. 288), como o Movimento Negro e o Movimento Feminista, o que serviu para unir forças à repressão que tomava forma. Aqui também se evidencia as costuras políticas que vinham alinhando o movimento LGBT e que acabariam se tornando um reflexo futuro da situação política do Brasil

atual. A moral e a família eram utilizadas como bandeiras de uma sociedade conservadora e que usava da força e da repressão para conter o que era considerado desvio das normas sociais. A Operação Limpeza do delegado Richetti¹⁶ foi o gatilho necessário para a reação dos diferentes movimentos em ascensão, que uniram forças contrárias ao que se organizava até então. De acordo com MacRae (2018), algumas dessas forças, além dos movimentos homossexuais e feministas, foram o Movimento Negro Unificado, o Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, parlamentares como os deputados estaduais do PT: Eduardo Matarazzo Suplicy e João Batista Breda, nomes ainda hoje reconhecidos e presentes no cenário político atual.

A união entre diferentes indivíduos e grupos culminou no ato público de 13 de junho de 1980, onde “a notoriedade pelo evento ficou com celebridades como a atriz Ruth Escobar e o pintor e membro do Conselho Editorial do *Lampião*, Darcy Penteado” (MACRAE, 2018, p. 289). Por consequência, o ato atingiu seu objetivo, em grande parte pela visibilidade causada com a presença de figuras públicas, o que fez com que a imprensa promovesse uma convocação por parte do Conselho Parlamentar de Defesa dos Direitos Humanos e fizesse com que o delegado Richetti comparecesse à Assembleia Legislativa para que pudesse prestar esclarecimento sobre suas ações.

Após esse período começava a época de dissolução de diferentes grupos, bem como uma maior liberação a partir da importação de modelos americanos que surgiam com o processo de abertura do país. O ano de 1982 é particularmente marcado pela chegada de notícias sobre um novo vírus desconhecido que assolava a população gay americana, ao mesmo tempo em que surgiam os primeiros casos no Brasil. A AIDS¹⁷, pejorativamente chamada de “câncer gay”¹⁸ durante um breve período,

¹⁶ ‘Stonewall brasileiro’ aconteceu em São Paulo nos anos 1980, durante reabertura política do país. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/stonewall-brasileiro-aconteceu-em-sao-paulo-nos-anos-1980-durante-reabertura-politica-do-pais-1-23769930>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2021.

¹⁷ Apresentada como parte do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde. De acordo com o site oficial, HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da aids, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. E é alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. O site também esclarece que ter o HIV não é a mesma coisa que ter aids, pois muitos soropositivos vivem anos sem apresentar sintomas ou desenvolver a doença. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>. Acesso em 9 de fevereiro de 2021.

¹⁸ “Assumir publicamente esta identidade era conhecer também a tutela do “câncer gay” ou “peste gay”, como ficou conhecida a doença no Brasil na maior parte desta década no Brasil” (Caetano; Nascimento; Rodrigues, 2018, p. 283).

aparecia como uma ameaça invisível para uma comunidade que ainda buscava se encontrar ao mesmo tempo em que celebrava relativa liberdade de suas ações:

Do ponto de vista simbólico, a epidemia da AIDS foi, sem dúvida, a maior “mancha” realizada na masculinidade hegemônica nos últimos 40 anos. Em quase toda a década de 1980 e 90, ela denunciava ou aproximava, no plano especulativo, os seus portadores às práticas homossexuais. Quem de nós, ao viver nestas décadas e ao saber do diagnóstico de um conhecido identificado como heterossexual, não realizou a clássica pergunta: Como ele pegou? E deduziu: “Ele é gay!” (CAETANO; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2018, p.279).

Por outro lado, são justamente as noções de perigo e paranoia que aproximaram novamente esse grupo de pessoas consideradas desviantes e que agora, frente à nova epidemia, parte para a criação de novos grupos, cujo objetivo é unificar e proteger novamente suas identidades, iniciando assim seu período de crescimento no Brasil. Algumas das referências durante esse período são os grupos Triângulo Rosa, fundado pelo pelotense João Antônio Mascarenhas, criado na década de 80 e o Grupo Arco-íris de Conscientização Homossexual, da década de 90, ambos da cidade do Rio de Janeiro.

Após o período de surgimento e posterior reconhecimento do que de fato era a AIDS, o Brasil¹⁹ tornou-se modelo de programa de saúde pública, estabelecendo um contraponto em relação aos Estados Unidos²⁰ que, diferentemente do Brasil, demorou a reconhecer o papel do Estado no combate ao vírus e sua prevenção, e preferiu alinhar-se às políticas e diretrizes conservadoras do partido republicano, representado sucessivamente pelos presidentes Ronald Reagan e George H. W. Bush. A questão foi tratada com indiferença e normalizada como apenas mais um problema social.²¹

Passados diferentes governos e o longo período político do Partido dos Trabalhadores (PT) protagonizado por quatorze anos no poder, pode-se considerar

¹⁹ No Brasil do presente, apesar do amplo programa que oferece medicação gratuita aos pacientes soropositivos, há também a diminuição de propagandas que oferecem formas de prevenção de sexo seguro, com o uso de preservativos e cortes no orçamento do Ministério da Saúde, o que dificulta o maior alcance do assunto à população. Todavia, o Brasil ainda oferece informação necessária sobre o vírus, ainda que amparada por valores não laicos, visto que o “perigo apresentado pela aids tem sido amplamente divulgado por todos os meios de comunicação, embora geralmente de maneira moralista” (MACRAE, 2018, p. 84-85).

²⁰ Como forma de reação à política de descaso do governo em relação à AIDS, surge o grupo Act Up (The Aids Coalition to Unleash Power) que lutou contra as companhias farmacêuticas que lucravam com medicamentos, bem como a falta de políticas que protegiam pacientes contra os preços abusivos.

²¹ “If, for the first eight years of epidemic – the term of Ronald Reagan’s presidency – indifference took the form of callously ignoring the crisis, under George Bush, AIDS was “normalized” as just one item on a long list of supposedly intractable social problems” (CRIMP, 2004, p. 304).

alguns avanços na causa LGBT, principalmente durante o período do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, considerado inclusive como o momento conciliatório entre população LGBT e Estado, no que diz respeito ao reconhecimento de seus direitos emancipatórios. Programas como o Brasil sem Homofobia (BSH) do ano de 2004, a I Conferência Nacional GLBT de 2008 e a adoção da sigla LGBT com o intuito de fortalecer o segmento lésbico são exemplos de grandes acontecimentos apoiados pelo poder público da época. Porém, após a saída de Lula e entrada da presidente Dilma Rousseff iniciou-se um período de novas tensões, cujo cenário político não facilitava, especialmente com a crescente ascendência ao poder do conjunto de parlamentares que passou a ser chamado como bancada evangélica.

Embora o ano de 2011 tenha sido de comemoração, com o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal (STF), foi nesse período que também ocorreu o veto de campanha de prevenção à AIDS, assim como foi eleito o deputado Marco Feliciano à Comissão de Direitos Humanos (CDH) e o avanço de um projeto de lei conhecido como “cura gay”. É lamentável aqui registrar a grande polêmica ocorrida em torno de um produto, fruto do Programa Brasil sem Homofobia (Conselho Nacional de Combate à Discriminação, 2004), chamado de “Kit Escola sem Homofobia” e que visava o respeito à diversidade sexual e de gênero nas escolas. Reapropriado de forma perniciosa pela frente parlamentar evangélica, o kit ganhou projeção nacional sendo apelidado como “Kit Gay” e afirmando-se que o mesmo estimulava a “promiscuidade e o homossexualismo” (IRINEU, 2018, p. 474). Com a polêmica instaurada e grande contribuição da mídia e do jogo político da época, o produto foi vetado sob o argumento da presidente Dilma de que seu governo “não fazia propaganda de opção sexual” (IRINEU, 2018, 475).

Esse episódio marca as contradições do período, onde ao mesmo tempo em que direitos civis eram reconhecidos à população LGBT, como a união civil entre pessoas do mesmo sexo, também se fomentava a falta de apoio da maior força representativa do país. O isolamento de Dilma Rousseff que culminou em seu impeachment no ano de 2016 e o descontentamento da população LGBT fez com que a mesma passasse a se lançar em pleitos legislativos como forma alternativa de ativismo. Vale também ressaltar que muitas dessas mudanças ocorreram devido à diminuição do diálogo entre poder público e o movimento, o que foi intensificado durante o mandato do governo a seguir (BULGARELLI, 2018).

O período do governo do presidente Michel Temer, embora sem relação direta com o episódio narrado a seguir, foi marcado por uma grande polêmica em torno das iniciativas e esforços para a consolidação da memória LGBT no país. A exposição “QueerMuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” foi inaugurada no Santander Cultural, na cidade de Porto Alegre no ano de 2017 e foi vítima de intolerância por parte do público, de grupos religiosos e do Movimento Brasil Livre (MBL), sendo fechada um mês antes do previsto em função do clamor público.

O que é importante salientar é que a exposição, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, e cujo acervo reuniu 223 obras de 84 artistas, incluindo nomes como Alfredo Volpi e Adriana Varejão, buscava apenas dialogar com as questões como a diversidade e a pauta LGBT, e em nada compactuava com as acusações ideológicas das quais foi vítima, como as de fazer apologia à pedofilia e zoofilia. Movimentos reacionários fizeram campanhas virtuais para que os correntistas do Banco Santander, que era mantenedor do centro cultural, cancelassem suas contas bancárias em boicote à exposição. Atendo-se aos fatos, o que se viu, na realidade, foi uma crítica pautada por questões ideológicas e políticas, já que a exposição não foi censurada “por questões de arte, mas sim pela homolesbotransfobia institucional” (BOITA, 2018, p. 116), construída de forma vil e distorcida da realidade, por uma frente de extrema direita que crescia no país e era amparada por movimentos religiosos, e que se utilizou de um viés religioso, de matriz heteronormativa tendenciosa, para fazer censura no segmento cultural e artístico.

Essa situação, entretanto, não destoa do contexto histórico e político presente na época, pois já havíamos presenciado realidade semelhante com a polêmica e, posterior vitória, desses movimentos em relação ao cancelamento do Kit Brasil sem Homofobia, como aqui já relatado. Houve na sequência a tentativa de remontagem da exposição fechada em Porto Alegre no Museu de Arte do Rio (MAR), quando a mesma foi também alvo de censura, sendo vetada pelo então prefeito da cidade, Marcelo Crivella, que à época disse que a exposição só seria vista no “fundo do mar²²”. Por fim, a exposição foi remontada na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Laje, também no Rio de Janeiro, com classificação indicativa pelo Ministério Público (MP) e não recomendada a menores de 18 anos tendo ocorrido com grande sucesso e apoio da comunidade artística.

²² ‘QueerMuseu’, a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos reabre no Rio. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>. Acesso em 24 de fevereiro de 2021.

A menção aos fatos em torno da exposição nos coloca no presente em que se percebe um novo momento de censura e de invisibilidades, fruto da intolerância de grupos de direita e aliados aos seus próprios interesses de pleito que geram muitas vezes sentimento de frustração e incerteza por parte das pessoas LGBT, que não mais parece encontrar o apoio e a segurança que esperam do Estado em relação às suas liberdades de expressão. Da mesma forma, é desse contexto difícil que os movimentos identitários seguem na luta por suas pautas afirmativas. É a partir dele que a história continuará a ser escrita.

1.3. O grupo Nuances e a exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também

Ao pensarmos no desenvolvimento do movimento LGBT brasileiro e suas diferentes ramificações ao longo dos anos, além da influência dos fatores políticos e sociais da época, pode-se imaginar a diversidade presente em diferentes grupos surgidos após a criação do Somos, bem como a multiplicidade de discursos utilizados como ferramenta de contestação e engajamento por este grupo de pessoas. É muitas vezes a partir do conflito que surgem novas oportunidades de convívio e reflexão, o que gera novos processos identitários e sociais, já que “as relações sociais se materializam e se reproduzem, produzindo espaços e territórios em movimentos desiguais, contraditórios e conflitivos” (FERNANDES, 2012, p. 7).

O grupo Nuances (Figura 1), com seus 30 anos de existência completados no ano de 2021 é um exemplo da força dos processos sociais, gerada a partir do conflito, multiplicidade e resistência desde a década de 90. Além da militância, o grupo ajuda na divulgação de ações que tragam visibilidade à causa LGBT, além de produzir novas narrativas na construção de novas formas de ação, não somente de viés político e social como também cultural.

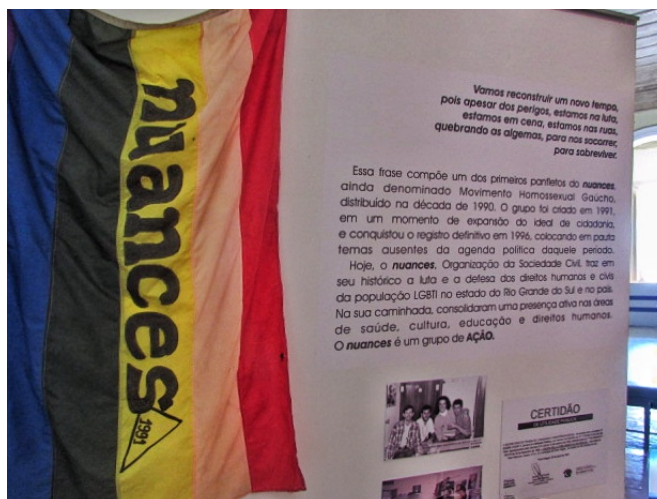


Figura 1 – Texto de apresentação do Grupo Nuances na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também
 Fonte: Maria Waleska Peil, 2019.

O Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual - atua na cidade de Porto Alegre e foi criado em abril de 1991 na Casa do Estudante (CEU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que abrigava estudantes universitários, assim como alguns grupos feministas. Idealizado por Célio Golin, aluno do curso de Ciências Sociais à época e Glademir Antonio Lorensi, aluno do curso de Biologia, o grupo é pioneiro na defesa da diversidade sexual no Brasil e reivindica o direito à liberdade, posicionando-se contrário à obrigatoriedade de rótulos identitários. Essa política de identidade libertária do grupo pode ser vista como inspiradora e universal, pois o indivíduo “reivindica uma igualdade com os outros no que diz respeito a ser livre para determinar o que é que você deseja se tornar” (EAGLETON, 2003, p. 99).

Em evidência no final da década de 90, o grupo passou a produzir o Jornal do Nuances, viabilizando notícias relacionadas às ações do grupo e da comunidade LGBT, mediante a utilização de um discurso de resistência que também demonstra e reforça o compromisso político firmado já na identidade do Nuances:

As palavras e os termos utilizados no discurso nuanceiro expressam a definição da entidade sobre os desafios daquele período (segunda metade dos anos 1990) e os objetivos (políticos) perseguidos no enfrentamento cotidiano dos desafios de tornar o grupo visível e conhecido, de ganhar credibilidade, respeitabilidade e legitimidade para a entidade entre os gays, as lésbicas, os bissexuais, as transexuais, as travestis e também os proprietários das casas do chamado “mercado GLS” de Porto Alegre e na sociedade mais ampla, aproximando à população alvo, de estimular a adoção de posturas de protagonismo entre os GLBTTs na luta contra o preconceito e em favor de sua cidadania, de estabelecer parcerias, de levantar a autoestima do público alvo, etc (BARROSO, 2009, p. 188).

Além da produção de um jornal próprio, o grupo também atua em diferentes frentes que considerem a pauta LGBT, assim como em outros movimentos sociais em evidência, como a questão feminista e negra, além de proporcionar eventos culturais como exposições que celebram datas comemorativas como o aniversário do grupo e eventos marcantes como no caso de Stonewall. A exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também foi uma mostra que celebrou os 50 anos da revolta de Stonewall entre homossexuais e a polícia local em um bar americano no ano de 1969. A exposição também comemorou os 28 anos de atuação do grupo Nuances no ano de 2019. De caráter itinerante e apresentada inicialmente no Memorial do Rio Grande do Sul (MRS), a exposição travou diálogos com a cidade de Pelotas e o grupo Também, responsável por diversas ações de apoio à causa LGBT, bem como questões sociais e políticas no que dizem respeito aos direitos dos homossexuais e demais grupos pertencentes ao movimento.

Ações expositivas como essa já fazem parte do repertório do grupo Nuances em seus 30 anos de existência. Exposições na Câmara de Vereadores e no Mercado Público de Porto Alegre são alguns desses exemplos de ações em locais de poder e que articulam a pauta LGBT em diferentes esferas sociais, políticas e culturais. O grupo também já realizou mostras na Assembleia Legislativa e outras duas no Memorial do Rio Grande do Sul. Além disso, o Museu Joaquim José Felizardo recebeu a exposição “Uma cidade pelas margens”, onde o grupo Nuances apresentou uma cartografia dos lugares LGBT de Porto Alegre na década de 60, 70 e 80.

A exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também (Figura 2) foi apresentada na cidade de Pelotas na sala Frederico Trebbi, hall de entrada do Paço Municipal em novembro de 2019. Pautada em lugares, fatos e biografias, a exposição foi organizada de forma a apresentar não somente os feitos dos grupos Nuances e Também, bem como buscar referências locais nos atores sociais que participam ativamente da cena LGBT pelotense.



Figura 2 – Exposição 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também no Paço Municipal de Pelotas
Fonte: Maria Waleska Peil (2019)

Mediante fotografias, recortes de eventos e relatos de pessoas conhecidas nos mais diversos cenários da cidade, é também apresentada ao público uma cultura LGBT local que vai sendo revelada e descoberta ao longo da exposição, divulgando assim a memória local da comunidade LGBT aos seus visitantes. A exposição não somente reapresentou o percurso exposto anteriormente na cidade de Porto Alegre, mas utilizou-se de personagens locais e do próprio cenário LGBT para construir seu percurso expográfico. Esse caráter itinerante da exposição também corrobora seu caráter político, pois o projeto se adapta aos temas vivenciados nos locais por onde transita e aproxima a população do contexto local LGBT e de suas realidades, possibilitando assim o que Cury (2006) reconhece como elementos importantes para produção de uma exposição enquanto uma experiência de apropriação e que gere sensações de acolhimento e afetividades.

Ao anunciar a exposição que seria apresentada em junho de 2019, ainda na cidade de Porto Alegre, a equipe do grupo NUANCES afirmou em seu jornal que:

A exposição que apresentaremos no mês de junho retoma a trajetória de luta e valoriza a atuação dos grupos e personagens dessa crônica. Documentos, fotografias, depoimentos, e outros materiais gráficos e textuais representam toda a AÇÃO dessa mobilização. A partir desse sufixo compartilharemos uma história permeada por reação, educação, inovação e conscientização. A montagem de uma exposição sobre militância LGBTQ+, em 2019, período em que a democracia brasileira é ameaçada, é um levante à resistência contra o retrocesso e opressões. Essa é uma exposição de reação e celebração e nosso compromisso é com a diversidade e a democracia brasileira (FARIA et al., 2019, p. 9).

No discurso utilizado pelo grupo Nuances, ao apresentar a exposição que estava por vir, pode-se inferir as tensões latentes não somente na presente situação política do país, como também em toda a história do grupo, perpassando diferentes desafios ao longo de sua existência, bem como sua preocupação política e social atreladas à temática LGBT. Dessa forma, é também possível traçar um paralelo entre as raízes iniciais da história do movimento no Brasil e a trajetória do Nuances, estabelecendo ligações entre política de Estado e política das relações humanas, pois cada grupo formado almejava carregar suas diferentes bandeiras, tencionando os anseios individuais de cada um ali presente, e que fica evidente ao analisarmos a linha do tempo formada ao longo dos anos a partir dos eventos que constituíram alianças e formaram o movimento LGBT nacional atual. Aquele início pautado pela contracultura e que utilizava a arte como pano de fundo e fomento diante da ditadura ainda reverbera, atualizado agora por novos discursos e por diferentes ferramentas comunicacionais.

Uma exposição de temática LGBT pode ser utilizada como proposta de reflexão social e política, pois propõe novos diálogos entre as instituições e a sociedade, extravasando os limites da cultura e abrindo espaço privilegiado para que se estabeleça a comunicação entre o público e as instituições, ou seja, é onde o público tem a possibilidade de acessar determinado assunto ou tema e ser questionado a partir de novas reflexões, visto também que as comunidades de pessoas LGBT “mantêm um histórico universal de utilização do espaço público para as sociabilidades de diversas naturezas: afetividade, manifestações culturais e militância (MOTA; LAURENTIZ, 2019, p. 55).

Uma exposição pode ainda evidenciar o fato museal, o lugar “onde se dá a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor -, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” (GUARNIERI, 2010, p. 123). Com isso, ao apresentar uma exposição cuja temática perpassa não somente as preocupações de um grupo em si, mas também questões de ordem política e social, pode-se ultrapassar o lugar da celebração e chegar ao concreto da ação, como a que foi proposta pelo grupo Nuances ao atingir tanto seus apoiadores como também o público em geral, ao propor novas reflexões frente às questões LGBT, e que, por consequência, propicia a necessidade de novos fazeres, como uma própria Museologia LGBT que será tratada com melhor detalhamento no próximo capítulo.

Capítulo II: Memória e Museologia social

Neste capítulo apresenta-se inicialmente o subcapítulo 2.1., que explora a questão da memória, a partir de seus diferentes autores e relações entre a história e os sujeitos, considerando as dimensões coletiva e social dessa memória. No presente, essa memória também estabelece novos laços entre os sujeitos na busca de suas identidades, ocasionando no reconhecimento de sua história e na construção de suas próprias narrativas no tempo contemporâneo. No subcapítulo 2.2, apresenta-se o processo de instauração dessa memória, perpassando o Museu como instituição e experiência, chegando-se até o extravasamento das memórias coletivas enquanto ação, a partir Museologia Social e de seus agentes sociais. Por fim, o subcapítulo 2.3., propõe uma contextualização sobre os desdobramentos dessa Museologia Social, enquanto campo de tensão e resistência, com o surgimento de uma Museologia LGBT, articulada a partir das demandas contemporâneas no campo da memória coletiva e ainda em plena construção.

2.1. Memória e contemporaneidade

As relações entre memória e tempo parecem estar imbricadas nas concepções identitárias de constituição dos sujeitos, e é justamente nessa relação que essas duas dimensões possibilitam a construção de pontes para a atividade humana, elementos necessários do ser e do identificar-se com o outro e de buscar sua própria história. Sendo assim, de acordo com o pensamento de Joël Candau (2012, p. 59), em sua obra *Memória e Identidade*, “somente Mnemosyne, divindade da memória, permite unir o que fomos ao que somos e ao que seremos”. Partindo dessa afirmação é possível sustentar que são as memórias, portanto, que permitem uma construção identitária do indivíduo ao longo de sua existência, assim como os vários aspectos sociais, culturais e individuais que compõem o homem e que elaboram para a existência de um eu atrelado acerca de sua identidade social e coletiva. Seria a memória, por consequência, que manteria o homem em constante busca por si mesmo e pelo outro em suas relações interpessoais.

Entretanto, essa memória não é facilmente apreendida, visto que é produzida no centro da ação humana e, portanto, carregada de fragilidades em sua conceituação. Enquanto o pensamento filosófico acerca da memória a caracterizava

como pertencente ao campo da imaginação, foi a partir do desenvolvimento das Ciências Sociais e discussões de Maurice Halbwachs (RICOEUR, 2014), que se permite uma guinada e a ampliação e discussão da memória enquanto construção social e fenômeno coletivo.

Partindo de Paul Ricoeur (2014) e de suas novas reflexões acerca da memória e da história que se observa “uma constituição simultânea – a memória privada e a memória pública se cruzam e se instauram mutualmente” (SILVA, 2002, p. 428). Percebe-se a memória, portanto, também como uma prática social com dimensão política, partindo da ideia de que gera novas ações humanas e reelabora o homem “capaz de falar, agir, narrar, assumir a responsabilidade pelos próprios atos como um agir ético e político em comunidades históricas específicas [...]” (QUEIROZ, 2014, p. 13). Ricoeur (2014) discorre ainda acerca do caráter arquivístico e documental dessa memória, o que nos permite estender a potencialidade de certas ações memorialísticas e celebratórias não somente como documento, mas como ato social, e também questionar se isso seria possível em uma exposição, por exemplo. Ao reelaborarmos e reconstruirmos determinados acontecimentos, como a revolta de Stonewall em uma exposição, e a ela atribuirmos um caráter comemorativo e reflexivo, também é possível estabelecer determinados engendramentos políticos em sua tônica, visto que a memória envolve tanto aqueles que ali já estiveram, como também novos atores sociais, a partir de novas questões contemporâneas.

Uma exposição pode suscitar novas problemáticas dentro da questão que se aborda e mobilizar agendas, como no caso da temática LGBT, ao tratar determinado acontecimento histórico tanto como pano de fundo para comemoração, quanto como plataforma de reivindicação e crítica, considerando a relação dialética, estabelecida por Paul Ricoeur, entre o ato de rememorar, que parte de um trabalho individual, e a comemoração, elaborada a partir de um trabalho de construção de uma memória coletiva (SILVA, 2002).

Entretanto, a medida que o tempo avança e os sujeitos tornam-se livres de certas estruturas sociais e culturais, surge também a necessidade, cada vez mais urgente, da valorização das identidades e ações humanas. A história e a memória, como campos correlacionados, obrigam esses sujeitos a inscreverem suas subjetividades no tempo, rememorando acontecimentos e atribuindo valores simbólicos ao tempo vivido, considerando que comemorar significa, então, “reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a

sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objeto principal” (SILVA, 2002, p. 432). A partir dessa constatação, torna-se necessário questionar de que forma essa memória é produzida no tempo contemporâneo, mediante os registros que ainda habitam no exterior do tempo vivido.

Embora não se possa apreender um conceito único acerca do tempo, reconhecemos seu funcionamento cada vez mais veloz e dinâmico, quase como se presente e ausente ao mesmo tempo, tamanha sua fluidez e capacidade de permeabilidade, fazendo com que o mundo contemporâneo e seus valores relativos criem uma nova relação entre indivíduo, tempo e memória. O filósofo Giorgio Agamben (2009) alega que a contemporaneidade é “uma singular relação com o tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p. 59), ou seja, certa distância para com a própria história não somente valida a existência, como também torna o indivíduo um ser contemporâneo e atual.

Esta é a era na qual o indivíduo já vive ciente da apreensão e preservação de sua memória, pois o tempo presente já o remete automaticamente para o futuro, seja na utilização da tecnologia, que propicia a captação de inúmeros registros fotográficos ou na possibilidade de preservação e preparação para o tempo vindouro. Ser atual é perceber-se por entre as fendas desse tempo:

Compreendam que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é, também, um “muito tarde”, de um “já” que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós (AGAMBEN, 2009, p. 65-66).

Nessa impossibilidade de captação do real tempo ou diante do reconhecimento de sua fugacidade, novas formas de adequação vão se alinhando à sua perecibilidade, estabelecendo assim novas formas de identificação e construções memoriais. O indivíduo, percebendo sua incapacidade de preservação e estancamento do tempo, olha-se e desenvolve sua própria construção ou narrativa de si mesmo. Essa percepção pode vir a justificar o aparecimento cada vez maior da retomada de narrativa por parte de vozes que antes eram silenciadas. Ao reapropriarmos determinada construção histórica também se produz outras realidades sociais e culturais, já que se instaura novas reflexões, a partir das relações dialéticas entre

história e memória, lembrança e esquecimento. Essas questões encontram-se no âmago do processo de rememoração e podem ser utilizadas enquanto linguagem em potencial ao construir uma exposição cuja temática perpassa a memória e identidade LGBT.

Esse processo do qual Paul Ricoeur (2014, p. 55) chama de processo memorial pode ser “interiorizado sob a forma de memória meditativa”, ou seja, aquela presente em diários íntimos, em escritas autobiográficas e que são autenticadas pelo ato da escrita e da materialidade das palavras, ou como no caso de uma exposição, já que atua como uma forma de comunicação e articula a linguagem ligada a um tempo e lugar e aos grupos sociais, isto é, vinculado ao seu contexto histórico e social (BARBUY, 2010). Esse esforço de materialização das lembranças e do tempo onde estas ocorreram acabam por ser uma luz na narrativa desconhecida de sua própria história. É o perceber “no escuro do presente”, do qual trata Giorgio Agamben (2009, p. 65), que torna o indivíduo consciente de seu tempo e de suas memórias. É necessário guardá-las, preservá-las e rememorar-las ainda no presente para que as narrativas possam ser perpetuadas. Entretanto, para que se possa de fato rememorar ou celebrar o sujeito contemporâneo junto de suas memórias é necessário que haja espaço para isso, pois “se pergunto quem eu poderia ser para mim mesma? ”, devo também perguntar “que lugar existe para um ‘eu’ no regime discursivo em que vivo? ” (BUTLER, 2015, p. 133).

São as condições articuladas ao espaço e ao tempo que permitem a identificação entre os indivíduos e seus feitos ao longo da história enquanto forma de expressão e materialização de seus questionamentos e reflexões contemporâneas. O ser humano, ciente de sua curta permanência no mundo, inventa então lugares, formas de rememorar e de ordenar suas lembranças, assim como os feitos de uma época, visto que “a conjuntura memorial do presente, voltada para um retorno ao passado, inscreve-se, pois, nesse momento de incertezas do presente e de imprevisibilidades do futuro” (SILVA, 2002, p. 435). Nasce assim os museus, templos da história e da memória, bem como as exposições, como uma das formas de preservação de narrativas atemporais para uma sociedade que perece em busca da eternidade.

2.2. A Museologia Social

O museu nasce enquanto lugar de memória e de poder desde sua organização como local que reúne erudição, belas artes e filosofia, perpassando seu lugar de preservação e exposição de objetos, até seu atual *status* de entidade do imaginário social. É possível identificar suas diferentes funções ao longo dos séculos, assim como a construção de um caráter institucional e que, de certa forma, colaborou para a perpetuação do museu como lugar sagrado (CASTRO, 2009). O museu passou por diferentes valores e funções até adquirir sua representação atual na sociedade. Embora inicialmente distante do público de fato e elaborado principalmente para artistas e políticos, a ideia de apropriação do povo sempre esteve latente, haja vista a necessidade do homem de preservação do passado como forma de sobreviver à sua própria história.

De acordo com Cury (2005), os museus eram vistos como templos, onde as exposições abertas ao público refletiam sistemas de pensamentos fechados em si, compreendidos apenas pelos iniciados e integrantes de uma elite cultural. Esse museu como lugar de poder simbólico (BOURDIEU; DARBEL, 2016) também identifica a existência de uma lógica construída socialmente que exclui ou facilita e possibilita o acesso. Assim, para frequentá-los é necessário dispor de um conjunto de sistemas simbólicos, linguagens e capacidade de apropriação informacional que se fazem necessárias ao entendimento do museu e das relações simbólicas que ele mobiliza. Entretanto, questões diversas dos movimentos sociais tais como as diásporas permitiram a elaboração de uma Nova Museologia, um conjunto de fazeres que visa um novo contato com as origens e que:

Por envolverem um tipo de imersão das pessoas em sua própria cultura e um contato íntimo com a memória, esses museus tiveram que contar com o suporte da etnologia e, de fato, se desenvolverem como uma alternativa iconoclasta aos museus etnográficos clássicos, principalmente por romperem com a lógica do olhar do Outro sobre o patrimônio ali apresentado (BRULON, 2015, p. 267).

É a partir da Carta de Santiago²³ que se instaura a perspectiva de um novo olhar, com base na existência do outro e do reconhecimento acerca das próprias

²³ Declaração de Santiago do Chile de 1972. Documento produzido em encontro ocorrido no Chile e considerado um marco de profundas transformações ocorridas no campo da museologia com repercussões sobre o papel dos museus como agentes de inclusão cultural, de afirmação da identidade de grupos sociais, de reconhecimento da diversidade e de desenvolvimento econômico. Disponível em: <<http://fnm.museus.gov.br/noticias/fnm-2012/sobre-a-mesa-de-santiago-do-chile/>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

memórias como eixo importante na construção de um patrimônio particular. Inicia-se assim o deslocamento da práxis museal, pois já não bastava mais contar com as representações do outro para reconhecer-se como agente social. Era necessário materializar as diferentes vontades de memória, fazendo surgir um novo cenário para o homem, o Museu e para a Museologia em si, e que:

Na contramão de uma museologia normativa e frequentemente perversa impõe-se a Museologia Social, sensível, compreensiva e libertária, constituída de novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação (CHAGAS; ASSUNÇÃO; GLAS, 2014, p. 433).

Dessa forma, a museologia social parte da maior abertura de sua esfera social, utilizando-se da própria comunidade enquanto edificadores de suas próprias memórias, e como consequência, não somente supera o Museu, como produz maior diversidade para o campo social e cultural. Essa museologia social:

É uma museologia comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais, o combate aos preconceitos, a melhoria da qualidade de vida coletiva, o fortalecimento da dignidade e da coesão social, a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu, em favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, e dos movimentos sociais (SANTOS, 2017, p. 90).

Assim, com o aparecimento de novos atores sociais também ficou evidente a possibilidade de extrapolação das relações humanas para além dos muros do museu. Criam-se novos locais de experiência e memória no presente, onde também se dá a possibilidade de tensão, resistência e poder, na medida em que as relações estabelecidas em um determinado ato memorial ou exposição podem interessar os movimentos sociais justamente por estarem em processo e não confinadas em si mesmas. Assim, aos diferentes grupos é permitido que reescrevam suas histórias e lutas e utilizem a comunicação museológica como linguagem que extrapola suas próprias fronteiras (CHAGAS, 2011).

Se nos apoiarmos nesse novo movimento museológico e considerarmos que a “sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (MOUTINHO, 2014, p. 423), podemos então pensar outras museologias possíveis a partir desse novo olhar de construção social, como as “afirmativas, de gênero, LGBT, de resistência (religiosa e/ou cultural), indígena e outras que evidenciam uma

militância com a incorporação de outras falas e discursos” (SANTOS, 2017, p. 91). Portanto, uma exposição, como produto desse novo fazer museológico, além de apresentar objetos, coleções e memórias, também abriga discursos e linguagens, sendo assim campo de constantes tensões no limiar entre o que lembrar e o que esquecer, o que edificar e o que demolir.

A visibilidade que a memória dá as características de nossas sociedades pode fazer com que sejam tensionadas questões entre passado e presente e relações entre atores sociais, suas vivências e memórias. Quem e de que forma isso pode ser mobilizado? Tal questionamento mostra-se pertinente ao investigar as relações possíveis entre a memória LGBT, Museologia Social e a própria construção de uma Museologia LGBT. Essas aproximações e relações estão ainda em andamento, visto que se ocupam das relações humanas do presente, e produzem outros desafios contemporâneos, incluindo a transformação da própria museologia enquanto campo teórico que deve “abrir-se socialmente respaldadas por experimentações participativas” (CURY, 2019, p. 19) e, quem sabe assim, amplificar discussões legítimas para a sociedade e público que a experimenta e também a constrói.

2.3. A construção de uma Museologia LGBT

O aparecimento da memória LGBT nos espaços expositivos é o resultado de um esforço coletivo de uma comunidade que, a partir da escassez de visibilidade e de legislação de proteção de seus direitos, parte em busca da criação de seu lugar de fala e de elaboração de suas próprias narrativas e grupos de trabalho, fazendo nascer assim uma Museologia LGBT. Esse desenvolvimento epistemológico consegue avançar muito em função da guinada teórica ocorrida a partir da Nova Museologia:

A Nova Museologia, como outros termos utilizados pelos expoentes desse “novo pensamento museológico” e pelos representantes das diversas experiências museológicas que influenciaram e/ou foram influenciadas por ele e fugiam ao modelo de museu tradicional, passa a ser conceituada de formas diversas, de acordo com os posicionamentos políticos e ideológicos, as experiências pessoais e os referenciais teóricos de cada autor(a) (SANTOS, 2017, p. 52-53).

Com essa abertura de possibilidades no campo museológico, vemos diferentes segmentos sociais tomarem o papel de protagonistas em novos arranjos

socioculturais, como a Museologia indígena, quilombola e tantas outras já mencionadas. É a partir da reflexão de autores já reconhecidos na área da museologia social, como Mário Chagas, Judite Primo e Marília Xavier Cury, que passamos a ver uma mudança de enfoque nos rumos das discussões acerca dos museus e das exposições. Esse novo olhar para os sujeitos, que não se encontravam no centro dos processos sociais vigentes e visíveis nos museus, provocou a necessidade de não somente pensar onde, mas de que forma eles poderiam ser inseridos. Para isso, não era suficiente uma reflexão desconexa acerca desse grupo; identificou-se a necessidade de sua presença e participação ativa no processo de inclusão e visualização dessas memórias.

O auxílio dos movimentos sociais surge como fator importante no desenvolvimento de ações políticas que também utilizam contextos socioculturais para alcançar o público e, assim, expor sua causa de forma mais ampla e providenciando também uma independência em relação às estruturas formais de poder. Outro elemento de inovação social que esses movimentos sociais têm revelado, “e esta é uma questão crucial para a museologia social, é a sua experiência dos afetos” (LEITE, 2014, p. 202). Uma ação ligada a um movimento social pode ocorrer na rua, em um bar, no mercado público de uma cidade, ou até mesmo em uma parada voltada à diversidade sexual, como no caso da causa LGBT, já que “o espaço social é a materialização da existência humana” (FERNANDES, 2012, p. 9).

Portanto, a experiência de uma exposição construída com bases na museologia social, vinculada a um movimento social, pode ser informal, não normativa, permitindo assim o livre diálogo entre quem expõe sua causa e àqueles que a acessam. Contudo, vale lembrar que os movimentos sociais embora autônomos, não necessariamente agem contrários ao sistema vigente, pois utilizam-se muitas vezes do Estado para formalizar suas reivindicações:

Os movimentos sociais construíram um entendimento sobre a questão da autonomia diferente do que existia nos anos 80. Autonomia não é ser contra tudo e todos, estar isolado ou de costas para o Estado, atuando à margem do instituído; ter autonomia é, fundamentalmente, ter projetos e pensar os interesses dos grupos envolvidos com autodeterminação; é ter planejamento estratégico em termos de metas e programas; é ter a crítica, mas também a proposta de resolução para o conflito que está envolvido; é ser flexível para incorporar os que ainda não participam, mas tem o desejo de participar, de mudar as coisas e os acontecimentos da forma como estão; é tentar sempre dar universalidade às demandas particulares, fazer política vencendo os desafios dos localismos; ter autonomia é priorizar a cidadania: construindo-a onde não existe, resgatando-a onde foi corrompida (GOHN, 2013, p. 239).

Dessa forma, percebe-se o quanto o surgimento de outras Museologias também é algo que vem acompanhado de identidades coletivas, que unidas em torno de determinadas causas, fortalecem-se e criam vínculos para com seu segmento e para além deste. Essa caminhada iniciada a partir dos 1980, no que tange ao novo olhar museológico, chega aos dias de hoje com novas reivindicações e novos pesquisadores, cientes do quão frágil se dá a relação entre memória e tempo, público e privado, o político e o social, visto que a militância também é permeada por outras realidades, como o ativismo nas redes sociais, na intersecção de causas e de novos segmentos identitários. Os indivíduos LGBT percebem-se enquanto produtores de discurso acerca de suas próprias histórias, pois “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (POLLAK, 1989, p. 8), e passam a levar suas causas para o público, ousando ultrapassar o campo do privado e chegando até o campo institucional, produtor de conhecimento, como no caso das universidades e dos museus.

São várias as iniciativas de uma nova geração de pesquisadores da área da memória e museologia, inserida na própria identidade LGBT de seus pesquisadores e pesquisados, e que busca a formulação de novas ações no fazer museológico e social:

Começa-se a desenhar no Brasil a possibilidade de falarmos de uma museologia protagonizada por LGBT's, ou seja, uma museologia composta por um dos mais importantes pronomes das contemporaneidade, o nós, pronome que nos permite falar em coletivo, referenciar o pertencimento a uma comunidade unida por critérios de orientação sexual e afetiva, comunidade, esta, dotada de um sistema próprio de elementos culturais, de demandas singulares e, sobretudo, interessada na superação da homofobia (BAPTISTA; BOITA, 2014, p. 178).

O projeto Memória LGBT é um desses exemplos construído por “nós”, e que consiste em um mapeamento, em andamento, das iniciativas acerca dessa memória, feito pelos autores Jean Baptista e Tony Boita (2017). O trabalho já identifica certo comprometimento por parte de algumas instituições museológicas no que diz respeito à divulgação dessa memória. Esse processo de organização e produção de conteúdo voltado para uma Museologia e memória LGBT demonstra também uma mudança no pensamento institucional, pois realiza de forma empírica uma pesquisa que busca esclarecer o estado da arte acerca de uma temática que há pouco ainda era periférica,

seja em âmbito nacional ou internacional, em museus ou exposições que versam acerca do tema, considerando que a “memória LGBT , assim como seu lugar nos museus, é ainda um tabu na prática e produção acadêmica museológica brasileira” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 135).

A partir do mapeamento já é possível identificar, conforme o estudo dos autores supracitados, a situação da memória LGBT na América Latina, onde somente o Peru e o Brasil apresentam instituições ou iniciativas por parte da comunidade na divulgação da questão LGBT e no comprometimento dessa memória. Entretanto, Baptista e Boita (2017) também reconhecem pontos importantes nesse percurso e citam o V Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis, em 2012, como ponto de virada para profissionais de museus, pois foi após o encontro que surgiu a Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil enquanto importante apoiadora no que diz respeito à organização de exposições no país.

Portanto, é após o ano de 2012 que se percebe uma iniciativa na inserção da temática LGBT nos museus brasileiros. Essas movimentações de ordem mundial e nacional, representam não somente a vontade de memória da comunidade LGBT, como também a preocupação com a reapropriação de narrativas que possam realocar o lugar de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais na história da civilização. A possibilidade de contar suas histórias a partir de suas vivências reafirma a resistência desses indivíduos que, cientes das dificuldades e do silenciamento nos locais de poder, partem para a construção de suas próprias memórias enquanto força transformadora da cultura hegemônica:

O espaço LGBT está aí sendo disputado o tempo todo, e uma forma que os indivíduos LGBT têm de conquistar seu espaço é através da militância, e da busca por diálogos e conversas com autoridades do seu município, do seu estado e, raramente, em âmbito nacional (SOUZA, 2017, p. 9).

Uma exposição como a 50 anos de ação – de Stonewall ao Nuances & Também, cujo foco é a narrativa LGBT apresentada em local público do Estado e em aliança com o poder público, também pode atuar de forma local e afirmativa no que diz respeito à construção de uma memória e conquista de espaço, pois de acordo com Sally Price (2016), as pessoas adquirem sua compreensão da história não somente em locais populares, como filmes, celebrações de feriados nacionais, viagens turísticas e museus, como também no caso especial das exposições museológicas.

Ao mesmo tempo em que a Museologia LGBT possibilita a construção de novas memórias, essa também evidencia novas manifestações culturais contemporâneas de um momento histórico e que não devem ser relegadas somente à margem cultural de uma comunidade, até mesmo porque “se a cultura é um direito assegurado também à população LGBT, o patrimônio é um bem cultural reconhecido pelo Estado que representa a herança, identidade e pertencimento da sociedade” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 136).

Dessa forma, produzir uma exposição de temática LGBT como forma de ação social e museológica é também reposicionar a memória de diferentes atores sociais, apropriando-se de novos espaços para produzir suportes significativos para essa memória LGBT. A partir de novos caminhos institucionais também se geram novas memórias, estratégias de visibilidade e usos de bens dessa comunidade LGBT, argumentando aqui que as práticas dos movimentos sociais “conduzem para novas relações com o patrimônio e indaga-se se o movimento da museologia social está apto para lidar com os desafios da contemporaneidade” (LEITE, 2014, p. 193).

O protagonismo LGBT na museologia social pode não só potencializar o alcance da ação humana, como também modificar as estruturas hegemônicas políticas e sociais a partir de sua matriz, levando em consideração a produção de diálogos e reflexões que proponham mudança no dia a dia de sua comunidade e em sua interação com aqueles que não são pertencentes à causa, além da possibilidade de “discutir com a sociedade os capítulos de uma história violenta e as alternativas de paz que poderiam construir” (BAPTISTA; BOITA, 2014 p.3), pois todas as formas de existência devem ser validadas a medida em que são compreendidas, reconhecidas e respeitadas.

Capítulo III: Dos Objetos aos Discursos e Narrativas: Análise da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também

O terceiro capítulo apresenta a análise da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também a partir dos diferentes sujeitos que a pensaram, bem como revela a articulação dos elementos expográficos que construíram a exposição e os processos de memória LGBT que foram disparados ao longo do processo de concepção e montagem da exposição. No subcapítulo 3.1, olha-se para o que foi feito, do ponto de vista da comunicação museológica, pensando a exposição enquanto uma ação de extroversão e que apresenta diferentes marcadores expográficos como a narrativa acerca dos atores sociais trabalhados na exposição, os objetos musealizados, o percurso expográfico, assim como a apropriação do Paço Municipal de Pelotas, espaço público do Estado, pela comunidade LGBT de Pelotas. Por fim, também se realiza uma reflexão acerca de uma ação de avaliação expográfica proposta pela exposição, feita a partir do *feedback* do público e que propõe a revalidação dos direitos da população LGBT. No subcapítulo 3.2, olha-se para o futuro, a partir da exposição e das reflexões que foram geradas após sua realização, discutindo questões de salvaguarda e preservação de acervo, a possibilidade de novas ações para os grupos envolvidos e de que forma pode-se pensar a presença da memória LGBT em novos lugares de evidência, utilizando a cultura e o poder público como aliados no processo de visibilidade da comunidade LGBT.

3.1. Protagonismo LGBT e os novos atores sociais em cena

Diversos atores foram responsáveis pelos diferentes estágios de realização da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também e são esses atores e a forma como eles socialmente se relacionam com os campos da museologia e do movimento LGBT importantes para as questões discutidas no terceiro capítulo. Entretanto, considerando os objetivos iniciais desse trabalho, julgou-se também necessário, além da análise mais detalhada de certos marcadores expográficos da exposição, a consulta e entrevista²⁴ com colaboradores envolvidos desde o período

²⁴Por razões éticas e de confidencialidade, as transcrições integrais das entrevistas semiestruturadas não serão anexadas ao trabalho. Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do qual foram garantidos de que as informações obtidas seriam utilizadas apenas para fins

anterior ao ato de criação dessa exposição, visto que algumas dessas pessoas já trabalhavam conjuntamente em coletivos diversos e produziam ações e eventos próprios da cultura e sociabilidade LGBT e que, com a exposição de Pelotas, retomaram parcerias.

Os membros fundadores dos grupos Nuances e Também Pelotas têm sua fala como uma das bases desse trabalho devido a suas biografias e atuação de destaque nos movimentos LGBT locais. Compreende-se que conhecer esses indivíduos, suas narrativas e os percursos que os levaram até a exposição Stonewall de Pelotas se faz necessário, bem como os processos que contribuíram para sua elaboração. Dessa forma, evidencia-se aqui a importância de se conhecer não somente o percurso expográfico da exposição em análise nessa monografia, como também os bastidores, os diálogos e as relações que permeiam os diferentes momentos da criação de uma exposição. Portanto, as relações humanas foram consideradas como um dos elementos que contribuíram para que a exposição pudesse ser sonhada, pensada e, posteriormente, realizada.

Ainda acerca do processo de escolha dos sujeitos entrevistados, também foram considerados aqueles que atuam especificamente na área da Museologia e que participaram dos trabalhos de realização da exposição, nesse caso docentes ligadas ao Curso de Museologia da UFRGS e do Curso de Museologia da UFPEL. Ambos tiveram papéis distintos no processo de concepção e montagem da exposição, com diferentes contribuições durante os vários estágios do processo expográfico. Com isso, espera-se ter construído um mosaico diverso de relatos a partir de diferentes posições enunciativas e que, relacionados aos registros da exposição, possam contribuir para a compreensão não somente do percurso expográfico, como também dos processos e relações existentes para a elaboração de uma exposição que versa acerca da memória LGBT e que foi abrigada e articulada junto à Prefeitura Municipal de Pelotas e demais núcleos institucionais.

Começar o processo de entrevistas com Célio Golin²⁵ (2021) acabou sendo fundamental para que se pudesse compreender de que forma a exposição foi inicialmente pensada para ser apresentada em Porto Alegre e posteriormente transposta para a cidade de Pelotas. Dessa forma, cada entrevista veio a somar a

científicos e que as cópias das transcrições seriam disponibilizadas aos participantes para consulta, caso assim desejem.

²⁵ Entrevista realizada em modo remoto em 16 de março de 2021.

narrativa anterior e possibilitou acompanhar toda a trajetória da exposição, desde sua concepção até sua abertura na Prefeitura Municipal de Pelotas. De acordo com Célio Golin (2021) o grupo Nuances sempre teve a perspectiva de grupo de rua, abraçando diferentes causas à pauta LGBT. O Nuances mantém a perspectiva de grupo atrelado aos movimentos sociais no que tange seu ativismo de rua. Esse traço reivindicatório, cujo caráter embasa a transformação de pautas particulares em movimentos universais também corrobora Gohn (2013), pois mostra a autonomia de um movimento social, a vontade e a possibilidade de flexibilização frente às novas pautas, bem como a incorporação de novas vozes aos movimentos de luta da população LGBT.

Esse caráter interseccional e múltiplo no qual o Nuances está inserido atualmente também aponta para uma conquista na união de diferentes forças dentro do próprio movimento LGBT, cuja tentativa de congregar diferentes frentes já havia fracassado em seu princípio, como já apontado por Macrae (2018) e Green (2018). Contudo, se no passado havia a dificuldade de se inserir novas problemáticas à militância LGBT, hoje somam-se diferentes pautas dentro da própria militância, congregando uma pluralidade de demandas dentro do grupo. Sobre essa possibilidade de permeabilidade de diferentes causas, percebe-se também a capacidade dos movimentos sociais de provocar a criação de outras forças mobilizadoras, ao analisarmos o nascimento do grupo Também Pelotas.

Em entrevista realizada com Marcos Fernandes²⁶ (2021), fundador do grupo Também Pelotas, ficou claro o vínculo existente com o grupo Nuances, já que foi a partir do encontro entre Marcos Fernandes e Célio Golin que surgiu a iniciativa de se criar um grupo de militância LGBT em Pelotas, visto que não existia nada parecido na cidade de Pelotas no ano de 2001. Essa constatação é interessante, pois muito antes de sua fama de cidade doceira, Pelotas já era reconhecida por ser considerada local de diferentes personagens dissidentes, em particular, homossexuais masculinos (MONTEIRO, 1998). Desde seu despertar como Freguesia de São Francisco de Paula até sua destacada tradição de cidade do charque, Pelotas tornou-se conhecida por ser cosmopolita e possuir uma elite cultural. A educação europeia a que eram submetidos os herdeiros dos senhores do charque, em especial as experiências vividas em cidades como Paris, acabaram imprimindo nesses sujeitos modos e

²⁶ Entrevista realizada em modo remoto em 14 de abril de 2021.

comportamentos que localmente foram valorados como sendo próprios de uma sociabilidade gay.

Embora a fama de cidade gay tenha historicamente se consolidado, ressalta-se que a população LGBT da cidade ainda é frequentemente invisibilizada diante dos parâmetros de heteronormatividade vigentes e que regem as convenções sociais. Esses diferentes indivíduos que atuam e residem em Pelotas exercem suas profissões, direitos e deveres na perspectiva de que socialmente gozariam do direito a formas de tratamento mais igualitárias, no entanto, ainda assim são muitas vezes silenciados quanto as suas identidades de gênero. Contudo, é justamente quanto a nossas questões identitárias que somos histórica e socialmente atravessados enquanto sujeitos que compartilham valores coletivos e que precisam, ao mesmo tempo e no caso dos sujeitos LGBTs, lidar com esses “complexos intercâmbios de papéis que vão da representação social daquilo que se espera de alguém, a aquilo que esse alguém de fato se transforma” (HALL, 2012, p. 109).

A inexistência de um grupo que atuasse frente às pautas LGBT na cidade, anterior à criação do grupo Também, revela um apagamento quanto à representação das identidades LGBT, e que pode ser atribuído à falta de reconhecimento dessa população dissidente por parte do município. Essa representação de um imaginário LGBT só é possível mediante a existência de indivíduos que vivenciam essas identidades consideradas dissidentes e que circulam em esferas políticas, sociais e culturais de cidades como Pelotas. O próprio espaço urbano é também algo que integra o movimento social da cidade, criando novos espaços de liberdade e integração para que as identidades possam também ser reinventadas.

Sobre essa integração em novos espaços de existência, quando questionado sobre o porquê de se montar a exposição na Prefeitura de Pelotas e de se apropriar de um espaço institucional do Estado, Célio Golin (2021) argumenta que estar em um local do poder público significa legitimar uma pauta marginal, retirar as questões LGBT das margens e as colocar no centro da discussão. Dessa forma, reconhecer a apropriação do Paço Municipal de Pelotas pelos grupos Nuances e Também como algo simbólico à população LGBT da cidade, possibilita gerar novas reflexões frente à questão da construção da memória LGBT, na medida em que novos atores sociais são colocados em evidência e apresentados ao público da exposição.

Esse pode ser o caso do estilista Pompílio Neves de Freitas. Embora natural da cidade de Jaguarão (RS), trata-se de um conhecido personagem da população de

Pelotas em razão do destaque que obteve na esfera cultural e social pelotense vinculado à tradição carnavalesca. Após ter fixado residência em Pelotas, começou no ramo do estilismo desenhando roupas e fantasias, embora a família o quisesse arquiteto (JORNAL DO NUANCES, 2000). A exposição em Pelotas apresentou a figura de Pompílio de Freitas a partir de sua existência enquanto homem gay, e propõe a reflexão acerca de sua identidade e reconhecimento, utilizando um fragmento de uma entrevista concedida ao Jornal do Nuances (2000) sob o título de “As folias de Pompílio Freitas” para tratar, em primeira pessoa, da memória LGBT desse personagem conhecido na cidade.

Nessa edição do Jornal do Nuances (2000), a cidade de Pelotas é apresentada na capa “Conhecendo a doce fama de Pelotas” e diversos pontos turísticos são enfatizados. Também é apresentado um resgate de um roteiro cultural da cidade, escrito por Jota Luiz, no Jornal Lampião de 1980. O roteiro enfatiza a fama gay de Pelotas e evidencia em tom humorístico os encontros homossexuais ocorridos na Praça Coronel Pedro Osório e os locais de festas frequentados pelo público LGBT da cidade. A entrevista de Pompílio alinhava-se à construção do imaginário de cidade gay, colocando o estilista como produtor de seu próprio discurso, contando suas experiências, sua circulação por diferentes esferas sociais, bem como aspectos de sua vida pessoal.

Cabe observar que, durante a entrevista concedida ao Jornal Nuances (2000), Pompílio discorre acerca de seu trabalho e da vida em Pelotas, porém também reflete sobre o papel de homem gay e respeitado na cidade:

Eu nunca tive preconceito comigo mesmo. Vim de uma cidade pequena em que ser homossexual era ser bicha. Não havia possibilidade de fugir do papel de Geni, em que todo mundo atira pedra. Hoje, o preconceito que muitos reclamam, não existe. Falo por mim: não me sinto inseguro, frequento todas as camadas sociais, não me afeta levar um baile na rua. Estou resolvido. Quem se choca com isso não está acompanhando a história, está fora da realidade (JORNAL DO NUANCES, 2000, p. 3).

Ao expor as palavras de Pompílio em uma entrevista ao Jornal do Nuances, onde o estilista afirmava sua identidade homossexual com naturalidade, e apresentar a figura de um personagem conhecido da população sob o enfoque da identidade de gênero, empreende-se a possibilidade de criar uma nova leitura social desses indivíduos, visto que a cultura também pode agir como política de transformação social em seu meio, rerepresentando determinados sujeitos a partir de suas identidades

LGBT. Leandro Colling (2013) defende a utilização do campo cultural para além dos marcos institucionais, enquanto ferramenta de combate à homofobia:

[...] devemos, assim como muito bem fizeram os movimentos feministas e negros, desenvolver mais ações no campo da cultura. Produtos culturais, como filmes, músicas, peças teatrais, por exemplo, têm uma grande capacidade de sensibilizar as pessoas, algo que leis, decretos ou textos “acadêmicos” jamais produzirão (COLLING, 2013, p. 422).

Essa possibilidade de sensibilização é algo compartilhado na cadeia museológica que cerca o processo de uma exposição, já que sua elaboração deve considerar a existência de diferentes vozes que passam a adentrar o jogo da memória e que exercem poder no percurso histórico cultural da sociedade. A exposição apresentada pelo Nuances não somente apresenta a figura do estilista Pompílio, cidadão honorário da cidade de Pelotas, mas também visibiliza o cidadão homossexual, frequentador de locais conhecidos do público LGBT e que compõem a fama gay da cidade. Por outro lado, é feito um contraponto à identidade do estilista, ao recorrer ao registro de Pompílio maquiado e “montado” para receber o título de cidadão pelotense, o que demarca sua identidade de homem gay, ao mesmo tempo em que ressalta que foi sua postura que sempre o manteve em lugar de respeito na sociedade.

Dessa forma, a elaboração de uma exposição, ainda que não em um museu, mas em um local de poder do Estado e cujo tema verse em torno das identidades dissidentes dos atores sociais locais, é também uma forma de ação e resistência por parte dos grupos Nuances e Também que, embora em parceria com instituições e recebendo apoio do poder público, rompem com as narrativas conservadoras de uma exposição obediente e apontam uma nova apresentação desses sujeitos, sendo “preciso realçar a raridade deste modelo de exposição em nosso contexto, a menção ou simples presença da memória da comunidade LGBTI em espaços museais em nosso contexto ainda é exceção” (GIOVANAZ, 2020, p. 439).

Outra figura local citada na exposição de Pelotas (Figura 3) foi a de Heloísa Helena Ferreira Duarte, localmente conhecida como Dj Helô²⁷. Ela foi apresentada no

²⁷ Heloísa Helena Ferreira Duarte, a Helô, já havia participado da exposição “Bravas Mulheres, apresentada na Secretaria de Cultura (SECULT) no ano de 2016. Naquele momento sua identidade de mulher lésbica não foi apresentada ao público. Em Bravas Mulheres, Helô foi apresentada como uma mulher pelotense que atuava na cidade desde a década de 1980 e que havia iniciado suas atividades no Bar Choque Cultural, atuando anos depois no antigo bar Rua XV, onde a Dj foi descoberta pelas famílias de elite da cidade.

percurso expográfico também mediante sua própria narrativa, onde se declara negra, gay, pobre e mulher, fomentado uma reflexão para além da identidade conhecida de suas festas na cidade e que pouco permitem outras possibilidades de questionamento:

Imagina para mim que tenho tudo na contramão. Sou negra, sou gay, sou pobre, sou mulher [...]. O fato de eu assumir, por exemplo, que eu era gay, e deu gostar de fazer um trabalho que quando eu comecei a fazer era um trabalho de homem. Porque ser dj é um trabalho masculino me fez querer militar pela minha condição. Faz 35 anos que faço isso. Já toquei em mais de 100 casamentos e formaturas (GEEUR, 2019)²⁸.



Figura 3 - A Dj Helô na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também
Fonte: Maria Waleska Peil, 2019.

Ao utilizar a museologia social como mediadora no processo curatorial, a equipe organizadora permitiu a construção das autonarrativas daqueles apresentados na exposição, visto que o discurso expográfico foi negociado ao longo das etapas com os diversos grupos organizadores, contribuindo assim de forma ativa para elaboração da construção da memória LGBT, bem como uma reflexão contemporânea acerca dessa memória no processo de elaboração do percurso expográfico. A exposição enquanto experiência cultural também é gerada a partir de diferentes negociações, principalmente se considerarmos a exposição “como espaço de construção de valores” (CURY, 2006, p. 42). Dessa forma, os diferentes atores sociais envolvidos nos vários processos de criação da exposição acabam por somar suas diferentes visões de mundo à experiência curatorial, enriquecendo as reflexões na elaboração das narrativas que virão a compor as escolhas expográficas.

²⁸ Essa citação reproduz texto de material expográfico apresentado na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também e que foi produzido pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos do Curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (GEEUR).

Ao utilizar o recurso de autorrepresentação do ator social ao longo do percurso expográfico, a exposição reestabelece um novo ponto de inflexão, convidando os visitantes a se colocarem em novos locais de escuta, reposicionando o lugar da mulher na esfera do trabalho quando a Dj revela os desafios de assumir-se gay e ainda exercer uma profissão que à época era pertencente aos homens. Essa proposta de debate interseccional alinha-se também à postura do Nuances enquanto problematizador e apoiador de diferentes causas sociais, revelando um caráter em potencial da memória LGBT na geração de novas reflexões sociais, e ainda coloca o poder público no centro da questão enquanto agente fomentador de novos debates:

Articular a relação entre a memória LGBT com museus e o patrimônio é, antes de tudo, uma ação cidadã interessada em colaborar na superação de fobias à diversidade sexual impregnadas na cultura nacional. Os profissionais de museus que assim o fazem, associam a questão do patrimônio, reconhecendo que a presença LGBT é importante e significativa para a construção do país, seja às personalidades históricas, seja ao retrato de lutas comunitárias (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 111).

O paço municipal passa a ser o palco de questões mais complexas à população, visto que a exposição neste local pode sensibilizar o público através do uso da memória, ao mesmo tempo em que se insere nesse local de memória e de referência patrimonial e que, portanto, abarca diferentes compromissos com a história e cultura da cidade. Desse modo, estar no centro é também reposicionar o local dessa memória LGBT que congrega das mais diversas questões políticas e sociais, e ainda as reverbera para além dos eixos, por vezes, conservadores ou engessados no que tange ao patrimônio histórico cultural. A exposição de uma réplica da placa de rua com o nome da ativista Juliana Martinelli (Figura 4) é também uma forma de reelaborar os significados em torno do patrimônio, além de propor questões que fomentam novas possibilidades históricas e identitárias em torno da população LGBT.



Figura 4 – Placa Esquina Travesti Juliana Martinelli na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também
Fonte: Maria Waleska Peil, 2019.

Embora o ato de nomear a esquina das ruas Barão de Santa Tecla e Doutor Cassiano com o nome de Martinelli seja uma decisão tomada mediante decreto municipal pela Prefeitura de Pelotas, o ato de expor a placa é também uma forma de normatizar essa iniciativa do poder público, visto que a atitude surgiu a partir de uma demanda da comunidade LGBT da cidade. Essa validação da identidade trans também pode ser percebida com o uso da palavra Travesti, cuja reapropriação é simbolizada com os dizeres “educadora social e militante da causa LGBT”, ou seja, Martinelli era muito mais do que alguém que frequentava a noite e nela trabalhava. Seu trabalho e suas ações de militância são agora reconhecidos e identificados na exposição, o que pode ajudar a contribuir para uma nova forma de olhar as identidades LGBT, desmaterializando estigmas e concebendo novas possibilidades diante dessas existências.

Outro personagem pelotense explorado na exposição foi a figura de João Antônio Mascarenhas, advogado, ativista e um dos pioneiros do movimento LGBT no Brasil. Talvez não tenha Mascarenhas o mesmo alcance popular que os demais atores sociais acima citados, dado o fato de ter vivido fora de Pelotas. Ainda assim, seu enfoque na exposição ajuda a redimensionar a importância desse ator social, ao mesmo tempo em que o reapresenta a uma nova geração da população, evidenciando sua atuação no, já histórico, Jornal Lampião da Esquina. O jornalista ajudou a fundar o grupo Triângulo Rosa e também teve importante papel na Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Nacional Constituinte de 1987, lutando contra a discriminação por orientação sexual:

João Antônio de Souza Mascarenhas foi o primeiro homossexual brasileiro a ser convidado a falar no Congresso Nacional. Ainda que a não discriminação por orientação sexual não esteja na CF88, os debates avançaram, possibilitaram sua inclusão em legislações estaduais e leis orgânicas municipais (CÂMARA, 2018, p. 59).

É importante destacar a iniciativa já existente em Pelotas em torno desse personagem histórico: cita-se a proposta de funcionamento do Centro de Memória João Antônio Mascarenhas, vinculado à Faculdade de Educação da UFPel, e que divulga a memória do advogado e ativista pelotense, com “a intenção de ser um espaço de identificação, sistematização, guarda, análise e difusão de informações e memórias sobre o ativismo LGBTI brasileiro”²⁹.

A divulgação da figura de Mascarenhas como um dos pioneiros do movimento recaracteriza a fama de Pelotas como cidade gay, pois valida o engajamento social e político de um personagem pelotense não tão conhecido da população em geral. Esse resgate também possibilita um aprofundamento nas relações que originaram a visibilidade enquanto cidade gay. A exposição reconhece a importância de alguém nascido aqui e que estabeleceu laços embrionários no que viria a ser o movimento LGBT brasileiro atual. A vinda de Leyland Weiland ao Brasil, apresentada no contexto expográfico, é também reconhecida por autores como Macrae (2018) e Green³⁰ (2018) como fato profícuo para que se organizasse um discurso de união das vozes dissonantes em torno da liberdade de expressão, e que culminou na criação do pioneiro Jornal Lampião no Brasil.

O vínculo de Mascarenhas com o Lampião da Esquina também aparece como elemento expográfico na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também. Réplicas do jornal Lampião (Figura 5) complementam a narrativa cronológica em torno dos eventos de Stonewall e dão segmento ao percurso que explora o nascimento do movimento LGBT brasileiro, ao articular o aparecimento de

²⁹ Para mais informações sobre o Centro de Memória João Antônio Mascarenhas, cf. <<https://wp.ufpel.edu.br/memoriaslgbti/sobre-nos/>>.

³⁰ James Green é professor de história do Brasil na Brown University em Providence, Rhode Island e militou na ala esquerda do movimento de gays e lésbicas nos Estados Unidos e fazia parte de um pequeno grupo de ativistas, clérigos progressistas e brasileiros exilados que denunciavam a tortura no Brasil e o apoio do governo norte-americano à ditadura militar brasileira. Participou do Somos: Grupo de Afirmação Homossexual e reconhece que desde seu primeiro número, o jornal Lampião já se ocupava da questão do estar entre “a afirmação do gueto e a tentativa de sair do gueto” (GREEN, 2018:75).

João Antônio Mascarenhas na cena ativista e o seu envolvimento na criação do Jornal Lampião.



Figura 5 – Réplicas do Jornal Lampião na Exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também
Fonte: Maria Waleska Peil, 2019.

Segundo o autor Edward Macrae (2018), mesmo diante da censura da década de 1970, o jornal foi editado “no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais e distribuído por todas as bancas do país” (2018, p. 42). Embora sem citar nomes, infere-se aqui a presença de Mascarenhas nesse acontecimento, já que a passagem de Leyland pelo Brasil foi coordenada pelo próprio pelotense e o único a assinar a revista Gay Sunshine em toda a América Latina (HOWES, 2003), fato que já o coloca na vanguarda do que viria a ser o movimento LGBT.

Ao utilizar-se da história em torno da criação do jornal Lampião e do papel de Mascarenhas em sua criação, a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também recorre à possibilidade de oferecer ao público uma compreensão da própria história, como já elaborado anteriormente a partir de Price (2016), no que diz respeito à utilização de um viés cultural para que ocorra um engajamento dos indivíduos. Ainda nesse sentido, percebe-se também a produção de um suporte significativo de memória ao se expor algumas réplicas dos jornais do Lampião ao público, considerando a exposição como uma forma de comunicação (BARBUY, 2010) e que por isso faz uso de objetos simbólicos como um dos elementos dessa linguagem museológica.

Sendo assim, a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, ao articular a história de João Antônio Mascarenhas ao movimento LGBT brasileiro e à criação do Jornal Lampião, oferece uma experiência de apropriação ao seu público, conforme Cury (2005), e integra o acervo expográfico de forma sensível, mediante os objetos expostos e suas relações com aqueles que o selecionaram. Dessa forma, ao apresentar João Antônio Mascarenhas ao público também se divulga um acontecimento histórico importante ao movimento, da mesma forma que realoca o jornalista em outro escopo social e estabelece sua identidade de homem gay pelotense e pioneiro na questão LGBT.

Contudo, não foi somente através da apresentação de novos atores sociais que se deu o protagonismo LGBT em cena na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também. A realocação desses não tão novos personagens dentro da cena LGBT pelotense envolveu o público no que diz respeito às potencialidades de ações ativistas e de seu viés político e de luta, e que busca modificar a realidade presente dessa comunidade dissidente. Entretanto, a exposição também alcançou seu público de outra maneira ao elaborar uma nova forma de *feedback* de seus visitantes, a partir da criação do chamado Kit Gay (Figura 6).

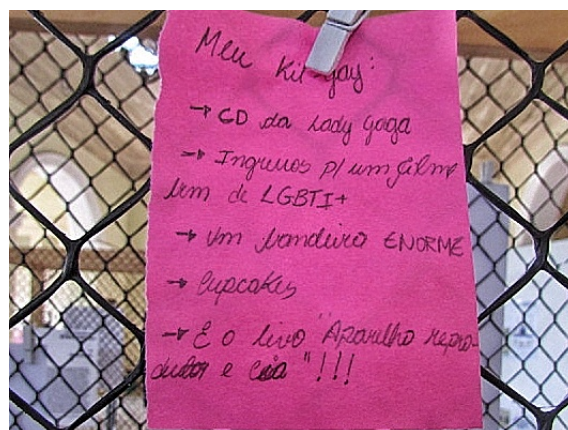


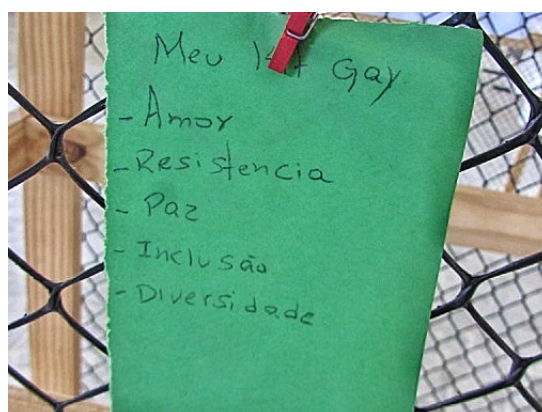
Figura 6 – Kit Gay na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também
Fonte: Maria Waleska Peil, 2019.

O Kit Gay é, na verdade, e como já mencionado no primeiro capítulo desta monografia, o material criado para o programa do governo Brasil Sem Homofobia, chamado Kit Escola Sem Homofobia, e reapropriado de seu objetivo inicial, que visava o respeito à diversidade sexual e de gênero nas escolas (IRINEU, 2018) por forças políticas como forma de bandeira contrária à causa LGBT à época. Enquanto a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também poderia ter apenas

exposto o episódio político de forma linear e narrado os fatos ocorridos, o que vimos foi um pequeno gesto de transgressão às atitudes políticas que insistem em cercear as liberdades da população LGBT. Na forma de convite ao público, sob o título de “Faça seu Kit Gay”, um texto foi apresentado com os seguintes dizeres:

Tu sabes o que é um kit gay? Aqui trazemos uma proposta diferente. Usamos esse termo, considerado pejorativo, como algo a ser visto com um novo significado. O nosso Kit Gay é um conjunto de saberes, emoções, objetos e mídias sobre e para a comunidade LGBTI+ que torne a escola um lugar de acolhimento e respeito. Trazemos um Kit Gay que também é lésbico, bissexual, Transexual, Travesti, Intersexual e muito mais. A escola é um dos espaços que mais maltrata, fere e discrimina a população LGBTI+ e essa realidade precisa ser modificada. Assim, os tantos Kit Gays aqui presentes não são doutrinadores ou impróprios, como alguns podem querer afirmar, mas são vivências e demonstrações de que falar sobre determinadas e variadas temáticas é, em todos os momentos, a melhor ferramenta³¹.

Pelo viés museológico, esse convite ao público nada mais é do que uma forma de conhecer os visitantes da exposição, validar suas opiniões e propor uma reflexão ao público, mediante o exercício de *feedback* expográfico. A avaliação, como última etapa do processo de concepção e montagem de uma exposição, aqui ocorre ao longo do processo, o que também possibilita a “orientação permanente dos nossos procedimentos ao implementar processos de comunicação museal – elaboração, execução e recepção pelo público” (CURY, 2006, p. 125). Esse exercício de abertura no processo da cadeia museológica permite a reflexão articulada entre os organizadores e o público, pois era possível acompanhar as respostas (Figura 7) dos visitantes desde o dia da inauguração, observando-se uma maior quantidade de kits ao longo das semanas.



³¹ Reprodução do texto expográfico na exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, produzido pelo GEEUR em 2019.

Figura 7 – Exemplo de resposta à construção do Kit Gay pelo público da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também
Fonte: Maria Waleska Peil, 2019.

Como pode ser observado, o retorno do público nessa atividade de *feedback* também funciona como uma forma de ação que dá voz à comunidade LGBT que frequentou a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, já que permite que os indivíduos compartilhem suas demandas em um lugar de protagonismo e agenciamento da causa LGBT. Se o Kit Gay foi apropriado de maneira maliciosa em passado recente, ele agora pode ser reapropriado pela comunidade LGBT, sendo utilizado conforme seu objetivo original de promover a diversidade, o respeito e outras formas de inclusão, tal como representado na imagem acima, com os elementos presentes no Kit Gay do visitante da exposição.

Esse alinhamento entre exposição e público indica novamente a criação de uma experiência de apropriação (CURY, 2006) e coloca os visitantes no centro desse processo de comunicação. Com isso, é também possível reconhecer a presença da Museologia Social por entre as engrenagens da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, visto que é “uma prática museológica que tem como foco o homem e suas relações com a sociedade, ao invés de focar nos objetos musealizados” (LEITE, 2019, p. 277).

Além disso, ao pensar na exposição enquanto extroversão do processo de comunicação museológica, se insere aqui também a possibilidade de educar para aquilo que o outro não conhece, apresentando pautas que nem sempre estão centralizadas no universo dos museus, por exemplo. Pensar uma exposição de caráter inclusivo, que abarca debates contemporâneos, também fortalece o debate museológico, pois insere a questão LGBT na área da Museologia, e permite a criação de ações, exposições ou até mesmo a criação de novos museus que lidem com o assunto. Essas ações, cuja agenda atende aos interesses da população LGBT no Brasil, “atestam que a temática está gradualmente, assentando-se como tema nos museus, patrimônios e monumentos, bem como no campo museológico” (BAPTISTA, BOITA, 2017, p. 117).

Portanto, a escolha dos elementos expográficos, os objetos, o desenho do percurso e as formas de narrativas escolhidas só produziram sentido ao serem imbricadas com os sujeitos da exposição, tanto os que a produziram quanto aqueles que a usufruíram. Ao pensarmos na exposição enquanto experiência, produz-se

novas formas de significações, atribuindo novos valores ao que antes era unidimensional. Dessa forma, é possível afirmar que a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também reposicionou atores sociais da cidade de Pelotas, revalidou objetos de importância para a comunidade LGBT, assim como permitiu a reapropriação do que pode ser um Kit Gay. Entretanto, ressalta-se que todas essas ações não foram expostas de forma isolada, mas sim pensadas em torno dos sujeitos, da comunidade LGBT e da sociedade em que essa vive. Com isso, se reconhece a possibilidade de um novo fazer expográfico e caminha-se em direção de uma museologia crítica e social, pautada em seus sujeitos e que busca a produção de novos olhares frente às possibilidades de existência LGBT.

3.2. Preservar para lembrar: a exposição como geradora de novas reflexões

Como foi visto ao longo da discussão, a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também em Pelotas fomentou o reposicionamento de alguns atores sociais locais de diferentes segmentos da sociedade pelotense. Essas escolhas também foram perpassadas pela própria história de alguns organizadores da exposição, visto que as memórias em torno de suas existências LGBT estão atreladas aos personagens que foram apresentados na exposição. Conforme já mencionado nesta monografia, a escolha desses personagens na composição da expografia também está relacionada à memória afetiva dos organizadores, pois tais personagens já eram conhecidos na cena LGBT da cidade. Portanto, este exercício de memória ao longo do processo de montagem acabou por efetivar a vontade de memória desses indivíduos, bem como a dos grupos aos quais esses pertencem. Nesse aspecto, é interessante pensar o quanto a exposição ocorrida em Pelotas também chamou a atenção para essa preocupação e urgência de preservação da história e do acervo dos grupos envolvidos, além de ter promovido o exercício de memória enquanto uma prática com dimensão política (QUEIROZ, 2014), no cruzamento entre o público e privado.

A entrevista realizada com Marcos Fernandes (2021) do grupo Também evidenciou a falta de registros de muitas das atividades que já foram feitas pelo Também. Relatou o entrevistado que essa preocupação só foi percebida durante a concepção e montagem da exposição de Pelotas, pois a maioria do acervo do Também só pôde ser apresentado graças a iniciativa de salvaguarda do próprio

Marcos. Essa dificuldade é inclusive exposta quando debatemos acerca do material digital que se guarda hoje, em contraponto com uma foto em papel. Para Marcos Fernandes (2021), o material digital é efêmero: ele próprio relata sua surpresa quando percebeu durante a exposição que a maioria dos registros digitais do Também não existiam mais, ao passo que as fotos reveladas em papel ainda estão guardadas. Esta questão do tempo contemporâneo (AGAMBEN, 2009), reaparece aqui na fala de Marcos Fernandes (2021), já que esse “percebe-se no escuro do presente” ao identificar a ausência de certos registros do grupo Também.

A preservação do acervo institucional do grupo é também uma pauta levantada por Marcos Fernandes (2021), já que o acervo do Também serviu como aporte para que a narrativa em torno do grupo pudesse ser construída no percurso expográfico, através da exposição de camisetas do grupo, matérias de jornais e revistas, além de acervo fotográfico relativo à Parada da Diversidade e outras ações do grupo. A exposição, portanto, além de viabilizar a divulgação de uma memória LGBT local, também ofereceu uma reflexão acerca da efemeridade desse acervo pertencente ao grupo Também que dada sua importância mereceria condições mais propícias para sua preservação. Infere-se que no futuro esse importante acervo da memória LGBT local que a exposição de Pelotas ajudou a evidenciar possa não ter mais essas mesmas condições.

Sendo assim, Marcos enxerga essa discussão pertinente aos profissionais da Museologia, pois, consciente da ação do tempo e da dificuldade de sozinho manter o acervo do Também, o entrevistado percebe os desafios do processo de documentação e armazenamento desses registros. Reconhece também a área museológica como parceira desse processo memorialístico, assim como detentora de ferramentas que possam colaborar para com a manutenção dessa memória. Nesse sentido, ao revelar o desejo de preservação de seus registros, ciente de que o desaparecimento dessa memória também implica em lacuna existencial da história do Também, Marcos reconhece que é pela memória que se pode unir as amarras entre o passado e o futuro (CANDAU, 2012), despertando assim para a consciência de preservação e salvaguarda das memórias e registros do grupo Também.

A preocupação quanto a própria preservação da memória institucional dos grupos Nuances e Também é uma das reflexões trazidas com a exposição Stonewall de Pelotas, para além das práticas profissionais e de mobilização ativista, visto que durante as entrevistas, tanto Célio Golin (2021) quanto Marcos Fernandes (2021)

compartilharam suas preocupações a respeito da preservação dos registros da história dos grupos, reconhecendo a importância de seus acervos para a construção dessa memória LGBT. Dessa forma, reconhece-se que a exposição veio a possibilitar a aproximação de ações entre a Museologia e a memória LGBT, beneficiando a propagação de futuras parcerias de divulgação da memória da comunidade LGBT.

Essa vontade de salvaguarda da memória LGBT e preocupação acerca da preservação de seu acervo já pode ser reconhecida em ações concretas do grupo Nuances, como com a entrega do material expográfico de Stonewall para o curso de Museologia da UFRGS com o objetivo de salvaguarda, por exemplo, conforme mencionada por Célio Golin (2021). Outra tentativa de preservação e salvaguarda, foi a digitalização do acervo do Nuances, que se encontra no Memorial do Rio Grande do Sul e está disponível para consulta.

Apesar dessa preocupação em torno da preservação da memória do Nuances já ser uma realidade, o mesmo não pode ser dito sobre o grupo Também, que enfrenta dificuldades na preservação e salvaguarda de seu acervo. Marcos Fernandes (2021) diz estar receptivo às iniciativas de parceria para ações de preservação, afirmando ainda que prevê um novo direcionamento de sua militância nesse sentido, focando os esforços do grupo em torno da preservação da memória do Também. A urgência em digitalizar o material se fez presente no discurso de Marcos Fernandes (2021), pois além do reconhecimento da preservação dessa memória em um arquivo público, há também a percepção de que o material não poderá ser mantido por ele para sempre. Essa ideia de urgência de memória corrobora a percepção da contemporaneidade, tal como referenciada no início com Agamben (2009), pois vivemos no tempo onde o indivíduo age já consciente de sua posteridade, portanto, também se ocupa de questões que objetivam a perpetuação de suas ações, tal como explicitado na entrevista com Marcos Fernandes (2021).

Ao preservar para lembrar também se firma um compromisso de construção de uma memória LGBT que caminha em parceria com a Museologia LGBT, ainda em pleno desenvolvimento, e com os esforços de pesquisadores como Jean Baptista e Tony Boita. A cidade de Pelotas, até mesmo por articular atividades em parceria entre a Universidade e o grupo Também, pode tomar iniciativas que favoreçam abrigo para a salvaguarda da memória da população LGBT local, inclusive oferecendo a oportunidade de institucionalização dessas narrativas. Em entrevista com Sarah

Maggitti³² (2021), docente do curso de Museologia da UFPEL, ficou evidente a importância de se pensar ações em parceria com o poder público para que a memória LGBT pudesse adentrar novos espaços sociais e culturais. Essa parceria, embora alvo de críticas por parte de alguns integrantes da comunidade LGBT, parece ser necessária no Brasil, visto que a maioria das ONGs e dos grupos de militância necessitam desse apoio institucional para que possam sobreviver.

Ainda nessa mesma perspectiva, Célio Golin (2021) acredita que o movimento é político e, portanto, é necessário que não se perca de vista estas duas noções, tanto da margem quanto da instituição, quando se pensa acerca das articulações entre a comunidade LGBT e as instituições de poder na apropriação dos espaços para pensar novas formas de ação. Para ele, a margem pode possibilitar a transgressão, já que Célio Golin (2021) acredita que a pauta LGBT ainda continuará pelas margens por muito tempo. Sendo assim, a demarcação dos espaços institucionais, tais como a realização da exposição na Prefeitura de Pelotas, passa a representar um ganho político, à medida que adentra esses locais não ocupados anteriormente.

Ao enxergar a margem como possibilidade de transgressão também se reconhece o lugar ainda de invisibilidade da pauta LGBT, embora o que possa ser visto como uma dificuldade passe a ser uma possibilidade de enfrentamento e superação, visto que a memória LGBT, ao adentrar outros espaços expositivos, também se constrói como uma política da diferença, “afirmando a necessidade de ir além da tolerância e da inclusão mudando a cultura como um todo por meio da incorporação da diferença, do reconhecimento do outro como parte de todos nós” (MISKOLCI, 2012, p. 52).

E é justamente nessa invisibilidade, e por entre as margens institucionais, que a memória LGBT pode começar a agir na diferença, especialmente ao considerarmos o termo vinculado à ideia de “transformação social, transformação das relações de poder, do lugar que o Outro ocupa nelas” (MISKOLCI, 2012, p. 15), em uma relação aqui direta com os espaços de poder e os museus enquanto lugares simbólicos.

Essa nova forma de pensar a ocupação dos espaços, dos museus e de outros locais de cultura, é também uma das dimensões do que denominamos Museologia LGBT, pois é uma “escolha política, onde sigla LGBT apresenta-se como potência de discussão com a política pública em favor das comunidades” (BOITA, 2020, p. 19).

³² Entrevista realizada em modo remoto em 22 de abril de 2021.

Portanto, estabelecer novos laços entre a memória LGBT, museologia social e poder público pode acarretar em benefícios não somente para a população que almeja maior visibilidade, como também para as próprias instituições de salvaguarda e memória, que desejam estar inseridas dentro das pautas contemporâneas e que podem ajudar a derrubar os muros que separam o patrimônio e a vida. Não por acaso foi extremamente simbólico o fato de a abertura da exposição em Pelotas (Figura 8) ter contado com grande público em sua maioria de pessoas LGBTs que celebraram o evento e tiveram contato, muitos pela primeira vez, com todas as dimensões memoriais que estão sendo aqui discutidas nessa monografia.



Figura 8 – Abertura da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também em Pelotas

Fonte: Marcos Fernandes, 2019.

Ao que parece é que a memória LGBT, estando nos museus ou não, deve ser trabalhada de forma a evitar discursos que somente contribuam para a perpetuação de estereótipos. A área da museologia pode contribuir com a produção desses novos discursos desde que promova uma mobilização de suas instituições a partir da comunidade LGBT, permitindo uma curadoria compartilhada, e promovendo diálogos que sustentem outras vozes no processo de extroversão da memória LGBT. Olhar para ações feitas fora dos museus, considerando algumas das que já foram feitas por grupos como o Nuances, a exemplo da exposição Stonewall, pode ajudar a estabelecer novas diretrizes de trabalho para os profissionais que lidam com a memória:

Já que fora dos museus, a visibilidade das diversas práticas e orientações sexuais e identidades de gênero também cresceu exponencialmente nas últimas décadas, em boa medida impulsionada pelas lutas dos movimentos feministas e/ou LGBT (COLLING, 2021, p. 30).

Sendo assim, embora seja desejo da população LGBT estar presente em todos os espaços e, dessa forma, divulgar suas memórias e conquistas histórico sociais, também deve-se refletir de que forma esses espaços recebem, se é que recebem, essa memória que vive à margem, e que já nasce subalterna, e de que forma esses locais pretendem trabalhar com questões que exigem tolerância e a produção de narrativas que partam dos próprios sujeitos que vivem essas realidades. Em entrevista realizada com Marlise Giovanaz³³ (2021), docente do curso de Museologia da UFRGS, também foi possível compreender que independentemente da população LGBT estar nos museus ou não, o ato de “LGBTizar” esse espaço, como na fala da docente Marlise Giovanaz (2021), também significa rever quais discursos são produzidos dentro dessas instituições, e de que forma podemos pensar na inclusão de acervos e de narrativas que sejam construídos com a população LGBT.

É perceptível o quanto o trajeto da margem também pode trazer para o centro questões antes inviabilizadas e invisibilizadas, embora este seja um processo lento e que ainda necessita de apoio formal das instituições. Para alguns, estar na instituição pode ainda formalizar estudos e aproximar um maior número de pessoas para o tema, como relatou em entrevista a docente Sarah Maggitti (2021) ao afirmar o compromisso no desenvolvimento de ações para educar e que garantam a visibilidade, a cultura e a educação aliadas às políticas públicas.

Dessa forma, é possível que se amplie a dimensão da cultura no que diz respeito a possibilidade de sensibilizar e de fazer conhecer aquilo que está distante. Observam-se aqui, mais uma vez, as possibilidades geradas a partir de uma exposição como 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, pensada sob os preceitos da Museologia Social. Somam-se a ela também aspectos de uma Museologia LGBT em curso, onde uma ação local e afirmativa, como essa exposição, representa a conquista de espaço de novas manifestações culturais e sociais para a comunidade LGBT, compreendendo aqui que “a população LGBT, na qualidade de

³³ Entrevista realizada em modo remoto em 24 de março de 2021.

integrante do Estado, possui direito ao reconhecimento de sua cultura, patrimônio e memória” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 135-136).

A possibilidade de ações locais permite reconhecer a importância da esfera cultural e de suas instituições como importantes aliados para a visibilidade e divulgação da memória LGBT, mas também projeta o futuro do lugar dessa memória ao relacioná-la com o poder público e a museologia enquanto área que estuda os museus e também se preocupa com a preservação e salvaguarda desses registros. Essa constatação permite compreender que não basta apenas expor ou estar nos lugares, mas sim desenvolver um trabalho compartilhado, estabelecido em comunhão com profissionais, agentes do patrimônio, atores sociais do poder público e a comunidade LGBT. É, sem dúvida, um trabalho árduo, que envolve diferentes negociações, pequenas vitórias hoje e, talvez, amanhã.

Contudo, se realmente almeja-se uma mudança de paradigmas para as instituições museológicas, bem como para a esfera cultural de forma geral, no que tange uma vontade de memória LGBT em todos os espaços, é então necessário estabelecer esses diálogos para que se rompam antigos padrões e crenças, principalmente quando “ao que parece, a heteronormatividade domina a cultura material, imaterial e a memória” (BOITA, 2020, p. 87).

Considerações finais

A presente monografia propôs investigar de que forma uma exposição que explora a temática LGBT como a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também poderia ser concebida, montada e exposta ao público no Paço Municipal da cidade de Pelotas. Para tanto, foram analisadas as diferentes etapas da exposição, os diferentes sujeitos envolvidos no processo e os diálogos travados entre os grupos Nuances, Também Pelotas e docentes dos cursos de Museologia tanto da UFRGS quanto da UFPEL, entre outros núcleos participantes.

A possibilidade de concepção, montagem e execução de uma exposição como 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também na cidade de Pelotas pode parecer para alguns grupos ação menor e sem maiores repercussões no campo museológico e da cultura, como foi possível testemunhar depoimentos diversos de pessoas ao longo da realização desse trabalho. Entretanto, esse evento integra-se a mais uma etapa de um “trabalho de formiguinha”, como expresso nas palavras de Sarah Maggitti (2021), docente do curso de Museologia da UFPEL, mais uma ponte que se estabeleceu, e de forma satisfatória, entre a sociedade, o poder público e a população LGBT. Nós que integramos essa comunidade dissidente, estamos hoje em todos os lugares, nas margens e no centro, nos museus e fora deles, em exposições, mesmo que pequenas, mas estamos, e isso é um grande passo para quem ainda não possui a plenitude de seus direitos e, muitas vezes, não se vê representado em espaços de poder.

A partir da hipótese inicial, de que a exposição se apropriava do espaço público do Estado não somente para celebrar, como para evidenciar questões mais profundas acerca da temática LGBT e propor demandas sociais ao poder público, pôde-se concluir a existência de uma dimensão política ao longo da construção expográfica da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também. Ao afirmar seu lugar de existência no paço municipal da Prefeitura de Pelotas e colocar em evidência personagens recontextualizados no cenário LGBT e objetos simbólicos da temática LGBT, a exposição utiliza-se da cultura como aporte para reflexões mais profundas e que celebra, ao mesmo tempo em que questiona, as desigualdades, a falta de legislação e o lugar da memória LGBT.

A exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também se apropriou do espaço expográfico público do Estado para efetivar uma reflexão acerca

da memória LGBT, tendo gerado diferentes impactos a partir desse tipo de ação para o movimento LGBT, para a Museologia e a sociedade em geral. A própria divulgação de novos atores sociais, repensados a partir de suas existências LGBT, pode ser considerado um impacto positivo para o movimento LGBT local, pois permitiu reconhecer outra faceta de sujeitos já conhecidos da cidade de Pelotas e outros nem tanto, como no caso do advogado e ativista João Antônio Mascarenhas.

A exposição enquanto ação também pode servir como geradora de novas práticas no campo da Museologia, considerando as falas de duas docentes dos cursos de Museologia da UFRGS e UFPEL. Sendo assim, a exposição permitiu o diálogo para questões que ainda se encontram longe dos museus, como a questão de gênero, por exemplo, embora essa discussão comece a aparecer nas reflexões para a nova definição de museu contemporâneo. A exposição enquanto experiência ainda efetivou a utilização da Museologia Social junto à questão LGBT como possibilidade a ser trabalhada nos museus e para além desses, visto que trata da questão humana, cujas narrativas necessitam ser construídas pelos próprios indivíduos LGBT, aliada à uma experiência dos afetos (LEITE, 2014). Portanto, essa experiência de curadoria compartilhada pode apontar para um caminho possível no que diz respeito à construção de novas histórias nos museus e em outros locais expositivos, visto que expõe um acontecimento histórico da comunidade LGBT, mas também elabora para o futuro ao pensar novos sujeitos na narrativa contemporânea.

Outra ação gerada a partir da exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também foi a aproximação do público e comunidade LGBT, já que a cultura pode servir como uma sensibilizadora na divulgação de temas que necessitem de empatia e compreensão do outro. Ao apresentar personagens do cotidiano pelotense a partir de suas identidades LGBT também se espera que o público possa redimensioná-los, compreendendo seu lugar de respeito na cidade de Pelotas. Além disso, a exposição também apresentou a história do movimento LGBT ao público, desde suas origens em Stonewall até chegar no cenário brasileiro, alinhavando às histórias de dois grupos gaúchos, como o Nuances e o Também, e desenhando o trajeto do movimento até os dias de hoje. Todas essas dimensões efetivadas com a exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também demonstram o quanto o trabalho produzido a partir da comunidade LGBT pode gerar ações de alcance à sociedade e produtos culturais que sensibilizem as pessoas (COLLING,

2013), contribuindo para que outras áreas como a Museologia também possam colaborar e pensar em conjunto a divulgação e preservação da memória LGBT.

Espero que a conclusão desse trabalho deixe a porta aberta para se pensar outras possibilidades de apropriação dos espaços sociais, políticos e culturais quando pensamos na presença da comunidade LGBT e na existência de uma memória ainda em construção, que resiste por entre o preconceito e aparece pelas margens. O trabalho em conjunto com sujeitos envolvidos na área da Museologia, por exemplo, pode apontar para um caminho de edificação do percurso da memória LGBT em espaços de poder. Os museus anseiam por uma nova definição, ao mesmo tempo em que almejam estarem mais próximos da sociedade e das questões contemporâneas. Com isso, espera-se que as questões de gênero também apareçam nessas instituições, seja na presença de acervos que contemplem novas narrativas e que representem personagens LGBTs que ainda estão invisibilizados.

Os trabalhos do grupo Nuances de Porto Alegre e do grupo Também da cidade de Pelotas representam iniciativas da própria comunidade LGBT, cujo interesse e preocupação com a própria memória proporcionou a criação de exposições e ações de preservação e salvaguarda de seus registros, como no caso do acervo do Nuances, digitalizado e amparado pelo Memorial do Rio Grande do Sul. Em contraponto, ao longo desse trabalho, foi evidenciada a dificuldade do grupo Também em manter a salvaguarda de seu acervo e a necessidade de apoio institucional para que o grupo possa ter sua memória preservada. Deixo aqui registrado meu desejo em ver o acervo do grupo Também digitalizado e em condições adequadas para a manutenção e preservação de sua história.

Dessa forma, é importante evidenciar a importância das instituições na criação dessas ações desenvolvidas pelos grupos Nuances e Também, visto que essas foram possíveis a partir das articulações desenvolvidas pelos grupos, o que também demonstra que as parcerias entre a sociedade e o Estado são possíveis e que podem potencializar a presença da comunidade LGBT em locais antes não pensados ou explorados. Esses diálogos também podem ajudar a sensibilizar a população mediante a cultura, visto que estar em locais institucionalizados também legitima a causa LGBT, além de promover a tolerância e a empatia para a diferença diante do outro.

A exposição 50 anos de ação: de Stonewall ao Nuances & Também, ao combinar sujeitos conhecidos pela população da cidade de Pelotas, ao longo de uma

narrativa que celebra o aniversário da revolta de Stonewall e os anos de existência do Nuances e do grupo Também, celebrou oportunidade de diálogo e a possibilidade de empatia diante do que pensamos já conhecer. De lutas e conquistas ao momento atual de incertezas e instabilidade política, conceber e montar uma exposição que explora questões de gênero é um ato de resistência que, aliada à iniciativa dos grupos que a pensaram, serve de exemplo de conquista ao ser apresentada em um local do poder público, motivando assim a criação de outras ações que transgridam as margens por onde esses habitam.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ARMSTRONG, Elizabeth; CRAGE, Suzanna. Movements and Memory: The making of the stonewall myth. **American Sociological Review**, 2006, v. 71. p. 724-751.

BAPTISTA, Jean.; BOITA, Tony. W. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamentos e ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 54, 2017. p. 29-56

_____. Museologia comunitária, comunidades LGBT e direitos humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil. **Ventilando acervos**, v. especial, n. 1, 2017. p. 132-146.

_____. Protagonismo GBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, 2014. p. 175-192.

BARBUY, Heloísa Maria Silveira. A comunicação em museus e exposições em perspectiva histórica. In: **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo** [S.l: s.n.], 2010

BARROSO, Fernando Luiz Alves. Jornal do Nuances: análise da construção de um periódico gay. **Bagoas**, n. 3, 2009. p. 179-204.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos 3. Brasília: SEDH/MJ, 2010. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/direito-para-todos/programas/pdfs/programa-nacional-dedireitos-humanos-pndh-3>>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**. Porto Alegre: Zouk, 2016.
BOITA, Tony. **Cartografia etnográfica de memórias desobedientes**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. UFG, 2018.

BOITA, Tony. **Museologia LGBT: Cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

_____. **Cartografia etnográfica de memórias desobedientes**. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: o caso do écomusée du creusot montceau-les-mines e a prática da museologia experimental. **Mana**, v.2, n. 21, 2015. p. 267-295.

BULGARELLI, Lucas. Um impeachment, algumas tretas e muitos textões: notas sobre o movimento LGBT brasileiro pós-2010. In: GREEN, J; QUINALHA, R; CAETANO, M;

FERNANDES, Marisa. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Autêntica, 2015.
CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

CÂMARA, Cristina. João Antônio de Souza Mascarenhas na Assembleia Nacional Constituinte. In: CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexsandro; NASCIMENTO, Cláudio; GOULART, Treyce Ellen. **Quando ousamos existir**: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018). Tubarão: Editora da Furg, 2018. P. 54-60

CARTER, David. **Stonewall**: the riots that sparked the gay revolution. New York: St. Martin's Griffin, 2004.

CASTRO, Ana Lúcia. **O Museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009. 196p.

CHAGAS, Mário. Museu, memória e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa, v. 41, n. 41. 2011. p. 5-15.

CHAGAS, Mário; ASSUNÇÃO, P; GLAS, T. Museologia social em movimento. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, 2014. p. 429-436.

COLLING, Leandro. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: COLLING, L. (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. 282 p. (Coleção CULT; n.9). p. 21-36.

_____. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea**, v. 3, n. 2, 2013. p. 405- 427.

_____. **A vontade de expor**: arte, gênero e sexualidade. Salvador: EDUFBA, 2021.

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. - CNCD (2004). **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde.

CRIMP, Douglas. Right on, girlfriend! In: WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

CURY, Marília Xavier. Museologia, comunicação e mediações culturais. In: ARAÚJO, B. M. et al. (Org.). **Museologia e suas interfaces críticas**: museu, sociedade e os patrimônios. Recife: UFPE, 2019. P. 8-22.

_____. **Exposição** – concepção, montagem e avaliação. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. Museologia - marcos referenciais. **Cadernos do CEOM** – v. 18, n. 21, 2005. p. 45-74.

D'EMILIO, John. Capitalism and Gay Identity. **Powers of Desire**: the politics of sexuality. New York: Monthly Review Press, 1983. p. 100-113.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2ª Edição. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2005. 204 p.

FARIA, Ana Carolina Gelmini. et al. A exposição. **Jornal do Nuances**. Porto Alegre: ed. 47, ano 15, maio de 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Ed. Especial. São Paulo: **Revista Nera**, 2012. p. 7-17.

FRY, Peter. Prefácio da primeira edição de A construção da igualdade. In: MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**. Salvador: EDUFBA, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIOVANAZ, M. Uma reflexão sobre a participação do curso de Museologia na Exposição “Uma cidade pelas Margens”. In: GOMES, A. L. A. et al. (Org.). [Anais do] **4o SEBRAMUS**: Seminário Brasileiro de Museologia: democracia: desafios para a universidade e para a museologia Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2020. p. 436-445.

GOHN, Maria da Glória. Sociedade civil no brasil: movimentos sociais e ONGs. **Meta**: Avaliação, v. 5, n. 14, 2013. P. 238-253.

GREEN, James. Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências pioneiras do Grupo Somos de São Paulo. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em museologia. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museu. 2010. p. 123-126.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. S. (Org.); HALL, S; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 103-133

HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. **Cadernos AEL**: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 287-309, 2003.

IRINEU, Bruna Andrade. Negociações, disputas e tensões na arena LGBT brasileira entre os anos de 2010 e 2014. In: GREEN, J; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

JORNAL DO NUANCES. n. 11, ano 2. Porto Alegre: Empresa Jornalística Pioneiro, 2000.

LEITE, Pedro Pereira. A Nova Museologia e os Movimentos Sociais em Portugal. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, 2014. p. 193-223.

_____. Museologia Social e novos atores no Rio de Janeiro: o caso do Museu da Favela. **Cadernos de campo**, v. 28, n.1, São Paulo, 2019.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil de “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

_____. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, L. (org.). **Stonewall 40 +** o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. 282 p. (Coleção CULT; n.9). p. 21-36.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MONTEIRO, Gláucia Lafuente. “O folclore gay de Pelotas”: sobre uma representação que se atualiza na história da cidade. **História em Revista**, v. 4, 1998. p. 139-160.

MOTA, Cássio Henrique Naves; LAURENTIZ, Luiz Carlos de. Micropolíticas LGBT no espaço urbano de Uberlândia – MG. **Cadernos de Pós-graduação em arquitetura e urbanismo**, v. 19, n. 1, 2019.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, 2014. p. 423-427.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989. p. 3-15.

PRICE, Sally. Higienização da cultura, poder e produção de exposições museológicas. In: LIMA, Manuel Lima; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato (Org.). **Museus e atores sociais**: perspectivas antropológicas. Recife: UFPE: ABA, 2016. p. 273-283.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**. n. 16, 1999. p.5-38.

QUEIROZ, Silvia Maria Brandão. **Dialogando coam Paul Ricoeur**: a dimensão política da memória traumática. (Dissertação de Mestrado). Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (USP). Guarulhos, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 6ª reimpressão, 2014.

RIVERA, Rhonda. Book review of Sexual Politics, Sexual Communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970. By John D'Emilio. **University of Pennsylvania Law Review**, 1984, v. 132, p. 391- 419.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e museus comunitários no Brasil**: estudo exploratório de possibilidades museológicas. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Helenice Rodrigues da Silva. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista brasileira de história**. São Paulo, vol. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SOFKA, Vinos. Minha aventureira vida com o ICOFOM, a museologia, os museólogos e os anti-museólogos, com especial referência ao ICOFOM Study Series. Museologia e Patrimônio - **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** - Unirio | MAST – v.9, n.1, 2016. p. 153-194.

SOUZA, Willians Ventura Ferreira. Movimento LGBT ocupando e transformando espaços. **Geografia em atos** (online), v. 1, n. 4. 2017.

SOUZA, Mariza; BOHNS, Neiva. Pinturas de retratos de Frederico Trebbi: um patrimônio cultural em risco. In: **Seminário de História da Arte** – Centro de Artes. Pelotas: UFPel, v. 1, n. 1, 2011.

TREVISAN, João Silvério. Somos o quê mesmo? In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro para Entrevista Semiestruturada

- Por que montar uma exposição na Prefeitura de Pelotas e não em um museu ou outro espaço cultural de memória?
- Como ocorreu o processo de montagem da exposição, considerando as relações entre os grupos Nuances, Também Pelotas, a Prefeitura de Pelotas e os cursos de Bacharelado em Museologia?
- Quais são as reflexões geradas após a exposição e quais são os impactos nas futuras ações do Nuances/ nos cursos de Museologia?
- Em sua opinião, a memória LGBT deve adentrar novos espaços expositivos, como os museus? Se sim, de que forma essas ações podem ocorrer?

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPel
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Museologia, Conservação e Restauro
Bacharelado em Museologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também.

Natureza da pesquisa: Investigar de que forma a exposição se apropria de um espaço expográfico público do Estado - a sala de exposição da Prefeitura Municipal de Pelotas - para efetivar uma reflexão acerca da memória LGBT, e quais são os impactos gerados a partir desse tipo de evento e ação para o movimento LGBT, para a Museologia e a sociedade em geral.

Responsabilidade da pesquisa: Maria Waleska Peil, graduanda do curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Heiden.

Participação na pesquisa: Autorização para a realização de entrevista semiestrutura sobre a exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também e para o uso de transcrições para fins de análise.

Confidencialidade: Todas as informações fornecidas nas entrevistas são voluntárias e uma cópia dos resultados obtidos será disponibilizada para conhecimento dos (as) participantes, caso esses (as) assim desejem.

Declaração do Participantes: Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado acerca de seus objetivos e justificativa.

Fui igualmente informado (a): Da garantia de que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa.

O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é Maria Waleska Peil

- e-mail: mwalpeil@gmail.com

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra com o pesquisador responsável.

Pelotas, dia / mês de 2021.

Nome e assinatura do voluntário
pela obtenção do presente consentimento

Nome e assinatura do responsável